

O PAPEL POLÍTICO DO SOCIÓLOGO NA AMÉRICA LATINA: diálogos entre Fals Borda e Florestan Fernandes¹

Diogo Valença de Azevedo Costa²

Edcarlos Ribeiro Bomfim³

RESUMO

O presente artigo trata das relações intelectuais entre Orlando Fals Borda e Florestan Fernandes, abordando as semelhanças e diferenças entre suas respectivas visões sobre o papel político do sociólogo na América Latina. O período específico abordado neste trabalho se refere à década de 1960, girando em torno dos debates sobre a “sociologia comprometida”. A pesquisa aqui desenvolvida envolve investigações documentais realizadas em janeiro de 2018 no arquivo e biblioteca pessoais de Florestan Fernandes, disponíveis na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Por fim, são levantadas hipóteses sobre o lugar da produção sociológica de Florestan Fernandes na história da própria sociologia na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE

Papel Político do Sociólogo. Orlando Fals Borda. Florestan Fernandes. América Latina.

¹ Os autores gostariam de agradecer às servidoras Izabel da Mota Franco (Bibliotecária) e Siomara Mello de Almeida Prado (Servidora Técnico-Administrativa), da Unidade Interdisciplinar de Memória e Arquivo Histórico (UMMA) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), por todo apoio prestado à pesquisa documental que ensejou a redação do presente artigo. Este artigo é produto da Pesquisa “Florestan Fernandes e os dilemas sociais brasileiros: história do tempo presente.”

² Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCS/UFRB). Áreas de Interesse: Sociologia do Conhecimento; Pensamento Social Latino-Americano; Pensamento Social Brasileiro. Entre suas publicações recentes destaca-se *Wright Mills e a sociologia do conhecimento: pragmatismo e interacionismo simbólico*, Revista Pós-Ciências Sociais, 2018; *Rodolfo Stavenhagen e a sociologia do subdesenvolvimento: colonialismo, classes sociais e estratificação interétnica*, Revista Brasileira de Sociologia, 2016.

E-mail: valencadiogo@ufrb.edu.br/valencadiogo@hotmail.com

³ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRB.

E-mail: edcarlosrb@gmail.com

Introdução

O debate sobre o papel político dos cientistas sociais assumiu grande intensidade em meados do século XX na América Latina. A eclosão de ditaduras militares em diferentes países latino-americanos ocasionou um corte institucional entre os padrões de trabalho acadêmico das novas e velhas gerações de sociólogos. No caso do Brasil, por exemplo, o tipo de profissionalização implementado com a institucionalização dos programas de pós-graduação, seguindo o modelo norte-americano a partir da reforma universitária de 1969, contribuiu para afastar os cientistas sociais de uma reflexão mais consistente sobre seus papéis políticos nas sociedades subdesenvolvidas. Esta é uma hipótese a se considerar atualmente nos trabalhos que procuram reconstituir a história das ciências sociais na América Latina, com especificações importantes dadas as particularidades de cada país. O México, nesse sentido, apresentaria uma continuidade institucional maior em comparação com países como Brasil, Argentina e Chile em que intelectuais das ciências sociais foram perseguidos pelas ditaduras. Talvez o Haiti seja um dos casos mais drásticos de negação, segundo os moldes dos centros hegemônicos de produção cultural do Ocidente, da presença de um pensamento crítico original, anticolonial e antirracista, no campo das ciências sociais.

O objetivo do presente artigo, contudo, é mais modesto. Trata-se de uma tentativa de reconstituição dos diálogos – pelo menos até onde a documentação consultada permitiu embasar algumas conclusões – entre o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda e Florestan Fernandes a respeito de uma sociologia da crise na América Latina e do papel político dos cientistas sociais em países subdesenvolvidos. Nesse sentido, em pesquisa documental realizada em janeiro de 2018 na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, onde se encontram reunidos o arquivo pessoal e a biblioteca de Florestan Fernandes, foram encontradas as cartas remetidas por Fals Borda ao primeiro

na década de 1960. No total foram onze correspondências, algumas das quais se referem ao texto então em preparação por Fals Borda, que seria discutido na seção “Sociologia das Crises” no IX Congreso Latinoamericano de Sociología, em 1969 no México.

Apesar de não ter sido possível consultar a correspondência ativa de Florestan Fernandes em resposta a Fals Borda, as indicações contidas nas cartas do sociólogo colombiano e a comparação dos escritos dos dois autores na época, pertinentes à temática do papel político dos cientistas sociais, levantam pistas importantes para investigações mais amplas sobre a circulação internacional de ideias no contexto latino-americano de história da sociologia na década de 1960 e, em especial, as perspectivas dos grupos geracionais mais empenhados na construção de uma sociologia crítica, voltada para pensar os dilemas das nações subdesenvolvidas da América Latina.

O artigo se encontra dividido em três partes. Na primeira, será explanada a reconstituição histórica, elaborada por Fals Borda em 1969, da “sociologia comprometida” na América Latina. A par disso, também será apresentada sua visão de ciência social e compromisso político, entendido este último em termos de um *engagement* sartreano ou, ainda, como compromisso-ação. Na segunda, as concepções de Florestan Fernandes sobre as mesmas questões serão trabalhadas com a leitura de ensaios contidos em *A sociologia numa era de revolução social* (1976[1963]), levantando-se algumas hipóteses mais gerais sobre a posição do autor brasileiro nas ciências sociais latino-americanas. As considerações finais serão dedicadas a estabelecer contrastes e aproximações entre Orlando Fals Borda e Florestan Fernandes, pois, apesar de bastante coincidentes em alguns pontos, há diferenças perceptíveis entre ambos capazes de expressar concepções epistemológicas e políticas distintas nas ciências sociais. Como se sabe, o nome de Fals Borda ficou conhecido na América Latina por defender e

desenvolver metodologias de pesquisa participativa nos meios populares. Suas primeiras reformulações a esse respeito datam dos anos 60. No caso de Florestan Fernandes, que já havia realizado um estudo precursor sobre movimentos negros, valendo-se de metodologias participativas de pesquisa no início da década de 1950, junto com Roger Bastide e contando com a colaboração de Renato Jardim Moreira, a preocupação com o papel político do sociólogo vai estar atrelada às questões de sistematização teórica e refinamento metodológico das ciências sociais. A comparação entre os dois autores será elucidativa por apontar diferentes estilos de produção sociológica, com distinções teóricas e metodológicas relevantes, mas que confluíam em certos aspectos, dentre os quais o da defesa do papel político do cientista social.

Seria importante ressaltar, por fim, que no presente artigo não será considerado o clássico debate de Fals Borda sobre as revoluções inconclusas na América Latina. Apesar de o sociólogo colombiano ter debatido esse tema em *Las revoluciones inconclusas en América Latina* na década de 1960 (FALS BORDA, 1968), Florestan Fernandes iria tecer reflexões aprofundadas sobre o assunto apenas em 1981 no ensaio *Reflexões sobre as “revoluções interrompidas” (uma rotação de perspectivas)*, publicado como capítulo final de *Poder e contrapoder na América Latina* (FERNANDES, 2015). Trata-se de um ponto de convergência muito forte entre os dois autores, porém que excede o marco temporal de elaboração política e teórica de Florestan Fernandes, pelo menos no que diz respeito a suas reflexões ainda situadas no campo da “sociologia acadêmica”. A dimensão do pensamento revolucionário de Fernandes começa a emergir em fins dos anos 60 e se desencadeia como uma avalanche na década seguinte. Essa dimensão irá se intensificar em suas aulas de sociologia na Universidade de Toronto (1969-1972). Por exemplo, os dois primeiros ensaios de *Poder e contrapoder na América Latina* – os quais já

sinalizavam as rupturas políticas no interior da produção sociológica de Florestan Fernandes – foram escritos em 1971 e no decorrer de 1970 a 71, respectivamente *Notas sobre o fascismo na América Latina* e *Os movimentos de guerrilha contemporâneos e a ordem política na América Latina*. O trabalho sobre as revoluções interrompidas foi redigido dez anos depois, especialmente para ser publicado em conjunto com os outros dois escritos. Em outras palavras, o debate sobre as revoluções interrompidas, ou inconclusas, emerge e amadurece no pensamento de Florestan Fernandes ao longo dos anos 70, podendo-se dizer que o próprio processo da revolução burguesa no Brasil, analisado tão densamente pelo autor naquela quadra histórica, seria um dos exemplos mais cabais dessa interrupção por meio da violência institucional e do terrorismo de Estado. Por mais que este assunto tenha relações diretas com o tema do papel político do sociólogo, seu exame demandaria um artigo específico que pudesse dar conta da complexidade do debate. A comparação aqui não se restringiria a Fals Borda, devendo levar em conta a leitura minuciosa anotada por Florestan Fernandes de *La revolución interrumpida. México, 1910-1920: una guerra campesina por la tierra y el poder* (GILLY, 1971), livro fundamental para entender os processos históricos e políticos da revolução mexicana.

Orlando Fals Borda: sociologia comprometida, ciência e compromisso-ação

As ciências sociais latino-americanas sempre estiveram ameaçadas pelos interesses dos donos do poder. No entanto, ao se comparar a situação histórica de hoje com aquela vivenciada na década de 1960, uma diferença gritante salta à vista: a presença do cientista social no debate público se pulverizou de maneira intensa simultaneamente à emergência e consolidação da indústria cultural e sua correspondente sociedade

consumista de massas. Mesmo que intelectuais das ciências sociais detivessem posições marginais em relação aos centros de poder nos anos 60, suas intervenções na imprensa escrita eram dignas de nota, contra ou a favor do *establishment* político e econômico das elites das classes dominantes. A figura do intelectual público parece ter perdido um grande peso na avaliação da importância prática das ciências sociais.

A par disso, a burocratização das instituições universitárias e seu modelo de departamentalização profissional convergiram para cortar o cordão umbilical que prendia o sociólogo ao debate público e, ainda pior, à pressão política de lutar por um melhor aproveitamento das descobertas das ciências sociais no planejamento social e nos projetos de mudança cultural provocada. Tomando-se tais afirmações como hipóteses de trabalho provisórias, seria oportuno lembrar que as temáticas da autonomia universitária, da liberdade acadêmica de investigação e da defesa das conclusões das investigações sociológicas, quando estas contrariassem as visões de mundo dos grupos dominantes, aparentam ter sido na década de 1960 assuntos debatidos com bastante recorrência na América Latina. Um estudo mais preciso a esse respeito ainda precisaria ser realizado com o devido rigor de uma pesquisa documental e historiográfica¹.

No texto da comunicação de Fals Borda ao IX Congresso Latinoamericano de Sociología, discutido logo adiante, é possível ter conhecimento de uma vasta bibliografia de meados do século XX que tematiza o papel político das ciências sociais na América Latina, contando como uma evidência a mais da centralidade do tema da liberdade

¹ Dois exemplos ilustram essa preocupação geral. Tomando-se o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), fundado em 1957 no Rio de Janeiro, como referência das preocupações das ciências sociais na América Latina, em seu Boletim de agosto de 1961 foi apresentado um estudo descritivo e comparativo intitulado *As universidades latino-americanas e sua autonomia* (SILVA; ALMEIDA, 1961). Mais significativo seria o caso de perseguição à liberdade de cátedra sofrido pelo sociólogo venezuelano Orlando Albornoz, que terminou por afastá-lo em meados da década de 1960 da Universidade Central da Venezuela. Especialista no estudo da vida universitária latino-americana, Albornoz (1965; 1966) transformou tal experiência particular de perseguição política numa oportunidade de reflexão sociológica.

acadêmica nos horizontes culturais da época. Também Florestan Fernandes apresentou incursões relevantes nesse debate, aproveitando muito da experiência política de seu envolvimento como sociólogo na Campanha em Defesa da Escola Pública em início dos anos 60 na análise das relações entre as ciências sociais e as ideologias em disputa na sociedade brasileira. O tema da liberdade acadêmica também seria retomado por Gérard Pierre-Charles (1988) em fins da década de 1980, levando-se em conta as especificidades da longa história de ditaduras ininterruptas no Haiti². Tal seria um indicativo de que a questão da autonomia universitária e da liberdade acadêmica está longe de ser resolvida em termos democráticos na América Latina, como vem demonstrando de maneira cabal os recentes ataques à universidade brasileira e aos trabalhos das ciências sociais.

Em termos gerais, o papel político das ciências sociais era visto, nos horizontes intelectuais dos anos 60, como estando atrelado à função das universidades na promoção do desenvolvimento econômico e social assentado em bases democráticas. Limitando-se à situação brasileira, o que teriam a dizer na atualidade os cientistas sociais, como categoria política organizada, contra os desmandos autocráticos que vem ocorrendo na dilapidação do patrimônio nacional a favor das frações rentistas do grande capital e, em especial, contra a atual política deliberada de sufocamento e destruição dos programas de pós-graduação, comprometendo negativamente a formação qualificada de futuros pesquisadores e a própria produção científica no país? Sabe-se o quanto isso tem atingido com maior força as ciências sociais e, coletivamente, as categorias de cientistas sociais

² Não é objetivo deste artigo reconstituir a história das universidades e das ciências sociais na América Latina. As afirmações acima devem ser tomadas como provisórias, porém estão baseadas em trabalhos anteriores que tematizam a história das ciências sociais em países da América Latina, em especial México, Brasil, Argentina e Chile (ALBORNOS, 1994; TRINDADE et al., 2007; ZAPATA, 2014; IESP, 2015). O caso do Haiti poderia ser abordado como exemplo de violência simbólica, dado o silenciamento ou negação da produção original de seu pensamento social crítico. Nesse sentido, um estudo que recuperasse o legado do cientista social haitiano Gérard Pierre-Charles e sua inserção latino-americana seria de grande interesse.

não tem conseguido contrapor uma resistência política eficaz, capaz de mobilizar a seu favor outras camadas da sociedade. Nesse sentido, a comparação entre as visões de Fals Borda e Florestan Fernandes sobre a questão poderão servir como pontos de partida para as tentativas de buscar soluções para tais problemas contemporâneos. O pensamento crítico atual recai muitas vezes numa espécie de “radicalismo abstrato”, isto é, a fraseologia engajada se revela inócua porque sem vínculos orgânicos com movimentos sociais, partidos, as massas despossuídas e as classes trabalhadoras.

Reconstruindo o diálogo entre os dois colegas sociólogos, percebe-se o quanto as mudanças políticas nos países latino-americanos influenciaram nas reviravoltas de suas posições epistemológicas nas ciências sociais. Logo após o golpe de Estado de 1964 no Brasil, um golpe de classes dos setores burgueses que em aquele momento assumiu uma feição militar, o cerco contra a produção autônoma e independente das ciências sociais começa a se fechar e isso parece ter sido sentido duramente pelos dois autores. Em resposta a uma carta de Florestan Fernandes datada de 23 de abril de 1964, Fals Borda desenha detalhadamente o quadro de resistência no pensamento crítico que então se precipitava em toda América Latina:

Recibí su carta del 23 de abril, y vuelvo a lamentar su imposibilidad de asistir al VII Congreso Latinoamericano de Sociología [...] Pero comprendo sus razones, no sólo las de índole académica, sino también las que se relacionan con la situación que vive hoy el Brasil.

Mucho me preocupan las noticias que usted me da sobre la represión a las ciencias sociales en el Brasil. Es algo inopinado e increíble para su país que espero no sea de larga vida. Es evidente que el Brasil tiene una larga tradición, muy respetable, en nuestra ciencia, que deberá ser respetada por quienes hoy mandan. Aquí en Colombia ha habido amagos también para amordazarnos, pero las fuerzas oscurantistas no se han atrevido a ir tan lejos. Estamos embarcados hoy en una lucha por asegurar la libertad académica en la Universidad Nacional que hasta ahora no le hemos perdido. Pero no es muy alentador observar que todas las fuerzas reaccionarias parecen haberse unido en nuestros diversos países para suprimir la expresión honesta de la sociología. A ello debemos contestar con la unión (como en el acto del Congreso Latinoamericano) y con nuestro propio trabajo y dedicado estudio (Fals

Borda, 1964; UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0088)³.

Não foi possível ter acesso à carta de Florestan Fernandes de 23/04/1969, escrita menos de um mês após o golpe, isto é, no calor dos acontecimentos, mas pelas palavras de Fals Borda se pode ver que o motivo principal da ausência do colega brasileiro no VII Congresso Latinoamericano de Sociología foi a eclosão da ditadura. A perseguição à prática autônoma das ciências sociais iria se intensificar algum tempo depois. Em setembro do mesmo ano, Florestan Fernandes foi preso por três dias em decorrência da instauração de um inquérito policial-militar na Universidade de São Paulo. O motivo da prisão se dá pela redação de uma carta, entregue em mãos ao oficial responsável pelo inquérito, na qual o autor se posiciona em termos da defesa intransigente da liberdade e autonomia da produção do conhecimento na Universidade e nas ciências sociais. Ao se recusar a retirar a carta dos autos do inquérito policial-militar, Fernandes recebeu voz de prisão do oficial encarregado pela ditadura brasileira de proceder às investigações contra supostas atividades subversivas na Universidade de São Paulo.

Na carta afirma Florestan Fernandes, dentre outras coisas, que a “liberdade intelectual, a objetividade e o amor à verdade resumem os apanágios do universitário e do homem de ciência autêntico” (FERNANDES, 1980: 211). A par disso, na visão do sociólogo brasileiro a ciência em geral e as ciências sociais, em particular, se vinculariam

³ Todas as cartas aqui citadas fazem parte do Fundo Florestan Fernandes, localizado na Biblioteca Comunitária e sob responsabilidade da Unidade Interdisciplinar de Memória e Arquivo Histórico da Universidade Federal de São Carlos (UMMA/UFSCar). O termo de compromisso assinado junto à Biblioteca Comunitária determina que cada documento seja identificado da seguinte forma: UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes. Ao final da identificação foi acrescentado o número de arquivamento de cada documento, constando tais informações nas referências bibliográficas. Foram selecionadas algumas cartas remetidas a Florestan Fernandes utilizadas na preparação do presente artigo, aqui apresentadas como anexos (Anexos I, II, III e IV), divididas segundo os remetentes e dispostas em ordem cronológica. O conteúdo das mesmas não foi traduzido, de maneira a se preservar o teor original de tais documentos históricos.

ao esforço incessante pelo aperfeiçoamento da “natureza humana, da civilização e da sociedade”, comprometendo o espírito universitário com uma produção intelectual humanística, voltada para “perquirir as formas mais eficientes para aumentar a capacidade de conhecimento do Homem e para elevar sua capacidade de agir com crescente autonomia moral” (FERNANDES, 1980: 211). Logo depois, em fins de 1968, pela sua intensiva atuação no movimento da reforma universitária, o autor será aposentado compulsoriamente de suas funções de ensino e pesquisa na Universidade de São Paulo por ter se oposto à ditadura imposta pelos empresários e militares no Brasil.

O importante a observar na missiva anterior de Fals Borda seria o cerco reacionário contra as ciências sociais em seus respectivos países – fenômeno que se reproduz hoje em termos de fundamentalismo religioso, atrelado ao avanço de forças políticas conservadoras. A perseguição às ciências sociais na América Latina era resultado do enfoque crítico que estas passavam a adotar sobre os problemas da região e de cada um de seus países. Ao realizarem estudos sobre as condições de subdesenvolvimento, com as primeiras formulações das teorias da dependência em meados da década de 1960, os cientistas sociais de diferentes países latino-americanos começam a contestar os pressupostos teóricos e políticos das diversas versões das teorias da modernização. Tais teorias tomavam como modelo de sociedade os países de capitalismo avançado e seria uma mera questão de tempo para que os países atrasados, ao absorverem os padrões de organização social, cultural, econômico e político das nações mais desenvolvidas, pudessem assim superar os gargalos do subdesenvolvimento.

Essa visão foi contestada pelos teóricos da dependência, em especial pelas suas versões mais críticas vinculadas à perspectiva marxista, e substituída pela compreensão de que as relações de poder e dominação em escala internacional, estabelecidas com base

numa divisão mundial do trabalho que opunha as nações centrais a suas zonas satélites e periféricas, tornavam o atraso das nações subdesenvolvidas uma condição necessária para o próprio desenvolvimento capitalista dos países hegemônicos. Nesse sentido, as mudanças teóricas e de método nas ciências sociais latino-americanas acompanham *pari passu* as transformações políticas do período. Quanto mais avançava o aprofundamento da incorporação da América Latina aos dinamismos de reprodução do capital monopolista e financeiro em escala mundial, mais a perspectiva teórica das ciências sociais na América Latina fortalecia o conhecimento do caráter particular, concreto e histórico específico do subdesenvolvimento e capitalismo dependente das nações periféricas.

Os exemplos se multiplicam. Pode-se pensar nas primeiras formulações do pensamento cepalino e suas hipóteses de uma dependência estrutural, passando pela obra de Andrew Gunder Frank e sua perspectiva do “desenvolvimento do subdesenvolvimento”, pelos enfoques sobre a dependência de alguns nomes vinculados à chamada “Escola Paulista de Sociologia”, dentre os quais o mais conhecido o de Fernando Henrique Cardoso, até alcançar as posições críticas dos teóricos marxistas da dependência, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, como também a sólida construção teórica das categorias de “capitalismo dependente” e “autocracia burguesa” contida em *A revolução burguesa no Brasil* (Fernandes, 2006[1975]). Ao lado disso, não se deve esquecer que os estudos sobre marginalidade trouxeram aportes fundamentais para pensar a dependência, incluindo nomes como Aníbal Quijano e José Nun, cujo artigo clássico de 1969, “Superpopulação relativa, exército de reserva e massa marginal” (Nun. 2001), constitui um divisor de águas e, um pouco mais posteriormente, os trabalhos de Lúcio Kowarick (1977). Ainda haveria a destacar as contribuições de Samir Amin para a construção da teoria da dependência em sua versão marxista, com a

importância de se tratar de um enfoque mais voltado para a realidade africana, a partir de suas considerações sobre a acumulação capitalista em escala mundial e a necessidade de incorporar as determinações históricas do colonialismo, neocolonialismo, imperialismo e das trocas desiguais para aprimorar a lei do valor no âmbito internacional.

Esses novos horizontes críticos levaram cientistas sociais de diferentes países latino-americanos, com a mera divulgação dos resultados de seus trabalhos, a se chocarem com os interesses e as expectativas dos donos do poder. É neste contexto que o diálogo entre Fals Borda e Florestan Fernandes deve ser compreendido, o qual pode ser analisado pelo contato direto entre ambos na troca de correspondências, mas também pela intertextualidade de seus trabalhos do período. Por ocasião da realização do IX Congresso Latinoamericano de Sociología⁴, Fals Borda ficou encarregado de presidir a seção “La crisis latinoamericana”, conforme carta do sociólogo colombiano a Florestan Fernandes datada de 27/01/1969 (Fals Borda, 1969a), convidando o colega brasileiro para que pudesse preparar uma contribuição para o assunto indicado. Em outra correspondência escrita em 12 de agosto de 1969, Fals Borda (1969b) menciona estar remetendo para o México “el texto que usted me envió, en original y una fotocopia”, de modo que se fica sabendo que Florestan Fernandes colaborou de alguma forma com a produção das ideias que seriam debatidas durante o evento na seção sobre a sociologia das crises. Os vínculos de Fals Borda com o Brasil eram anteriores a esse diálogo com Florestan Fernandes, tendo o sociólogo colombiano, inclusive, realizado investigações para o governo brasileiro sobre os camponeses e a vida no campo (FALS BORDA, 1963). O nome de Florestan

⁴ O congresso foi realizado no final de 1969, com parte das Memórias do IX Congreso Latinoamericano de Sociología publicada no volume 31 (n. 4) da Revista Mexicana de Sociología (1969), tendo a saudação inicial de abertura ficado a cargo do sociólogo mexicano Pablo González Casanova. Neste volume consta a contribuição de Fals Borda para a sociologia das crises e a história das ciências sociais latino-americanas até aquele momento.

Fernandes não é citado neste livro sobre o campesinato no Brasil, mas ambos já se conheciam por correspondência, dado que em 1962 podem ser encontradas cartas do sociólogo colombiano a seu colega brasileiro.

Em 27 de agosto de 1969, Fals Borda remete a Florestan Fernandes uma primeira versão de sua comunicação sobre a “Sociología de la crisis”, que teria escrito como introdução aos trabalhos da seção de que ambos iriam participar no IX Congreso. Em seguida, pede na carta: “Mucho le agradeceré que me enviara sus comentarios, con el fin de modificar el texto para su presentación en el Congreso que refleje las inquietudes de todos nosotros” (FALS BORDA, 1969c). A partir das correspondências enviadas por Fals Borda ou pela leitura das memórias do congresso não se pode saber se Florestan Fernandes efetivamente esteve presente no encontro. No entanto, em um dos números da prestigiosa *Revista Mexicana de Sociología* se encontra o texto intitulado *Os dilemas da reforma universitária consentida* (FERNANDES, 1970), também referenciado como publicação das memórias do IX Congreso Latinoamericano de Sociología⁵, sendo muito provavelmente essa a contribuição que Florestan Fernandes teria enviado a Fals Borda, mencionada na carta do dia 12 de agosto de 1969. A seção presidida por Orlando Fals Borda assumiu um forte teor político, dado que as ciências sociais latino-americanas começavam a opor resistência a um crescente conservadorismo – o qual, no contexto da Guerra Fria, estava associado ao aprofundamento da influência da superpotência mundial do capitalismo, os Estados Unidos, na região – em seus respectivos países. Nesse

⁵ O artigo pode ser consultado em *Universidade brasileira: reforma ou revolução?* (FERNANDES, 1975, p. 201-242). Embora não pareça tratar diretamente do assunto específico da mesa sobre sociologia das crises, mas dos dilemas da reforma universitária no Brasil, deve-se levar em conta que a temática da liberdade acadêmica e da autonomia das ciências sociais estava estreitamente associada – sendo essa uma das hipóteses aqui aventadas – com a própria análise sociológica das universidades latino-americanas, as quais atravessavam um momento de crises e reorientações, na busca de conhecimentos científicos adequados a suas respectivas realidades nacionais, que fossem úteis na luta contra o subdesenvolvimento.

momento começa a se forjar uma contraposição, nas ciências sociais latino-americanas, entre a “sociologia neutra” e a “sociologia comprometida”. Fals Borda assume um lugar central nesse debate epistemológico e político, na verdade sendo o responsável por uma definição mais precisa das questões fundamentais que dividiam as ciências sociais.

Já mais próximo à data de realização do congresso, em 12 de setembro de 1969, o sociólogo colombiano, desta vez se referindo a Florestan Fernandes como “querido amigo”, manifesta suas preocupações em como a situação brasileira poderia afetar individualmente a vida do colega brasileiro e isso chegar a impedi-lo de participar do evento, que terminaria por acontecer no mês de novembro:

No sé cómo será ahora la situación contigo, después de todo lo ocurrido últimamente en el Brasil, pero espero que todavía será posible contar contigo para tu asistencia al Congreso. Ojalá te hayan devuelto el pasaporte a tiempo. Escíbeme de cualquier dificultad para ver cómo se puede ayudar, sea viajando desde São Paulo o desde Toronto. Espero que hayas recibido el texto de mi ponencia. Mientras tanto, lo he ampliado con un intento de planteamiento teórico sobre la crisis, y con un esbozo del movimiento intelectual de protesta que nos ha llevado hacia la “sociología del compromiso”. Ese texto te lo adjunto ahora, pidiéndote el favor que lo leas y me envíes tus comentarios. Especialmente necesito saber si el recuento que hago del movimiento, cuando menciono personas, está básicamente correcto, o si se me ha escapado alguna importante que debe ser mencionada. Siendo que tu has sido **actor esencial en todo este proceso**, tus consejos me serán muy útiles (FALS BORDA, 1969d; grifos nossos).

Embora a documentação consultada não permita dizer se Florestan Fernandes esteve presente no congresso, seria importante destacar a menção que faz Fals Borda do colega brasileiro, como um “ator essencial” em todo o processo histórico que conduziu à construção de uma “sociologia do compromisso”. Tal menção contrasta fortemente com a imagem que se faz do Florestan sociólogo nos anos 1950 e 60 como cientificista, racionalista e universalista nas ciências sociais (GARCIA, 2002), geralmente em contraste com as posições defendidas por Guerreiro Ramos. De outro lado, no texto da comunicação de Fals Borda mencionado na carta anterior apenas se encontra uma única

referência a Fernandes e ao livro *A sociologia numa era de revolução social*, citado em sua primeira edição de 1963. Outros autores brasileiros são mais enfatizados, como Costa Pinto e Guerreiro Ramos. O sociólogo colombiano enxerga os dois últimos como precursores de uma análise crítica da sociologia acadêmica e sua indiferença frente à mudança social, no caso de Costa Pinto, e da rejeição da dependência cultural, no que se refere a Guerreiro Ramos. O livro de Florestan Fernandes referenciado na comunicação de Fals Borda não foi explicitamente debatido, mas se pode identificar ideias em comum entre os dois, principalmente no plano da discussão sobre as relações entre ideologia, ciência e participação política. Essas semelhanças podem ser tomadas hipoteticamente como resultantes das leituras recíprocas pelos dois autores de seus respectivos textos.

Essa ausência-presença de Florestan Fernandes levanta algumas questões que ajudam a problematizar seu lugar nas ciências sociais latino-americanas, as quais serão debatidas mais adiante ao se apresentar outras fontes de diálogo entre o sociólogo brasileiro e outros intelectuais da América Latina. Por ora cumpriria explicitar que Fals Borda se aproxima mais de Florestan Fernandes em termos da necessidade de rigor na produção do conhecimento sociológico. A proposta de uma ciência engajada não invalidaria a busca de objetividade nas ciências sociais. Na década de 1950, Florestan Fernandes já havia escrito seus trabalhos sobre a “Sociologia Aplicada”, propugnando por um tipo de análise prospectiva em que a própria intervenção do cientista social na realidade e as transformações daí decorrentes se erigiriam possivelmente como objeto de investigação sociológica. Os textos do intelectual brasileiro sobre a “Sociologia Aplicada” não foram citados por Fals Borda, por isso se pode pensar na hipótese de que as ideias a esse respeito contidas em *A sociologia numa era de revolução social* teriam atuado como um terreno comum de diálogo entre ambos os autores. Contudo, Florestan

Fernandes leu com interesse e anotou à margem no texto de Fals Borda *Bases conceptuales de la investigación teletica*, publicado como apêndice de *La subversión en Colombia: el cambio social en la historia* (1967). Neste pequeno escrito o sociólogo colombiano apresenta alguns fundamentos teóricos de sua perspectiva engajada nas ciências sociais, tendo seu colega brasileiro demonstrado concordância em algumas passagens ao escrever “certo” e “F”, de fundamental⁶. No entanto, escrevendo à margem do trabalho de Fals Borda o autor brasileiro considerava “melhor” o termo *prospectivo* em substituição a *telético*, *teleológico* ou *projetivo*. Isso talvez signifique uma diferença teórica de base entre os dois sociólogos latino-americanos.

O aproveitamento que faz Fals Borda das ideias de Costa Pinto foi buscado num trabalho deste de 1947, publicado originalmente na revista *Sociologia*, mas depois aproveitado como primeiro capítulo do livro *La sociología del cambio y el cambio de la sociología* (COSTA PINTO, 1963). “A obra deste autor, na direção do ‘compromisso’, vem de muito antes. O primeiro capítulo do livro comentado foi uma conferência pronunciada em [...] 1947 e publicada na revista *Sociologia* [...] com alguma oposição” (FALS BORDA, 2015[1969]: 227). Embora Fals Borda não mencione e tenha tido conhecimento desse debate, aquela oposição partiu justamente de Florestan Fernandes e Emílio Willems, que escreveram respostas ao trabalho mencionado no mesmo número da revista em que foi publicado o artigo de Costa Pinto, intitulado *Sociologia e mudança social*. Os trabalhos de Fernandes e Willems se intitulavam respectivamente *O problema do método na investigação sociológica* e *Sociologia “acadêmica” e sociologia*

⁶ O livro se encontra na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos e faz parte da biblioteca particular de Florestan Fernandes, podendo ser consultado pelo número de chamada 02.02.03/058. Um dos autores do presente artigo está realizando um estudo sobre a marginalia e as marcas de leitura deixadas por Florestan Fernandes, que costumava escrever a letra F nas margens em vários de seus livros. A socióloga Heloísa Fernandes informou a um dos autores do presente artigo que a letra F significa algo considerado “fundamental” pelo seu pai na leitura dos textos de livros e artigos.

“*socialista*”. Pode-se identificar aí a disputa de duas orientações sociológicas no eixo Rio-São Paulo, um assunto bastante recorrente nos trabalhos sobre a história das ciências sociais no Brasil, porém cumpriria destacar a maior aproximação entre Fals Borda e Costa Pinto no tema das relações entre teoria e prática política na sociologia. De outro lado, Fernandes não invalida o ponto de vista de Costa Pinto sobre as relações entre mudança social e sociologia, criticando suas insuficiências metodológicas no aproveitamento deste ponto de vista na elaboração de sínteses teóricas mais refinadas nas ciências sociais.

No que diz respeito a Guerreiro Ramos, sua principal contribuição, segundo Fals Borda, se localiza nos “exames completos sobre a ‘lei de compromisso do investigador’, a heteronomia e autonomia científicas, a ‘sociologia consular’ e outros conceitos hoje correntes que naquela época eram heréticos” (FALS BORDA, 2015, p. 226). O sociólogo baiano seria tido como um pioneiro da “sociologia comprometida”. Se Fals Borda teve alguma ciência dos debates entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes, nada se percebe no texto de sua comunicação ao IX Congreso Latinoamericano de Sociología. Não caberia aqui recuperar essa polêmica, que já produziu uma ampla literatura dentre os trabalhos sobre a história das ciências sociais no Brasil. Algo, entretanto, que tem passado despercebido seria a aproximação entre as críticas de Fernandes ao autor da *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo* (RAMOS, 1954) e suas considerações anteriores num trabalho de 1946 sobre as diferenças de posição, na sociologia do saber, entre Karl Mannheim e Hans Freyer. As críticas que Florestan Fernandes dirige a este último serão muito semelhantes às que fará posteriormente a Guerreiro Ramos. No caso, Freyer foi criticado por supor “uma particularização histórico-cultural extrema do conhecimento sociológico” (FERNANDES, 1974[1946], p. 290), de modo que a validade do saber nas ciências sociais estaria delimitada pela vinculação com seu contexto específico, seja de

tipo nacional, cultural, econômico ou político. Ao contrário disso, Fernandes apontava que os conceitos particulares, válidos para contextos sociais específicos ou realidades nacionais determinadas, representam apenas uma dimensão da análise sociológica, pois ao lado destes estariam integradas categorias de validade mais geral, pertinentes à situação comum entre sociedades capitalistas caracterizadas por uma estrutura de desigualdades baseadas nas classes sociais. Nesse sentido, os conceitos sociológicos deteriam uma validade mais geral, para além de seus contextos particulares⁷.

A comunicação de Fals Borda ao IX Congresso Latinoamericano de Sociología aqui em debate se intitulou originalmente *Algunos problemas prácticos de la sociología de la crisis*, tendo como objetivo analisar um momento muito particular de transição nas ciências sociais praticadas na América Latina, caracterizado pelo seu autor como um movimento de protesto, crítico da dependência cultural. O próprio Fals Borda atua como um dos atores essenciais desse “movimento de protesto”, que passa a descrever como a busca de autonomia teórica em termos de construção de categorias, conceitos e métodos originais, mais voltados para a investigação dos dilemas latino-americanos, para os problemas das nações subdesenvolvidas e a tomada de consciência política da necessária ruptura com os nexos coloniais, neocoloniais e imperialistas de dependência.

O relato de Fals Borda assume elevada relevância justamente por ter ocorrido à época mesma dos acontecimentos, tratando-se de um documento vivo da história em processo. Muitas de suas aspirações não foram realizadas, mas indicam um sentimento

⁷ Não seria verdade que Florestan Fernandes chegou tardiamente ao debate sobre a dependência cultural nas ciências sociais brasileiras ou que tenha ignorado o assunto na década de 1950. Ao resenhar o livro *As Ciências Sociais no Brasil* (COSTA PINTO; CARNEIRO, 1955) e um trabalho de Fernando de Azevedo sobre a sociologia e a antropologia no Brasil (AZEVEDO, 1955), Fernandes critica nesses autores a excessiva preocupação com a repercussão internacional da produção sociológica nacional, asseverando que a principal contribuição das ciências sociais no Brasil se vincula à “necessidade de criar um novo estilo de pensamento e de trabalho na investigação da realidade social” (FERNANDES, 2010[1956], p. 240), sendo pernicioso qualquer adesão às modas importadas.

comum, compartilhado por diferentes estratos de geração de cientistas sociais então atuantes em diversos países latino-americanos. Por contarem com pontos de partida semelhantes e condições histórico-estruturais bastante aproximadas, tais como o colonialismo, a dependência cultural, a posição periférica na divisão internacional do trabalho etc., as problemáticas de pesquisa, os projetos teóricos e as concepções epistemológicas, políticas e metodológicas dos sociólogos da América Latina convergiram entre si com enorme intensidade em fins da década de 1950, ao longo dos anos 60 e se prolongou no decênio imediatamente posterior. Um fator de desestabilização na continuidade desse processo se deu pela instauração de ditaduras em alguns dos países latino-americanos. As conquistas individuais dos sociólogos latino-americanos ficam, por isso, fragmentadas e contando muitos vezes apenas com oportunidades ocasionais de diálogo e cooperação, sem que se tenha tido tempo de se construir um projeto de ciências sociais, de solidez entre os países da América Latina, de enfrentamento dos graves dilemas políticos do subdesenvolvimento e do capitalismo dependente.

É certo que havia trocas de experiência entre esses cientistas sociais nas instituições internacionais de pesquisa (CEPAL, CLAPCS, FLACSO etc.) e isso garantiu certa homogeneidade em suas elaborações teóricas e posições metodológicas. Porém, a simples circulação internacional de ideias não seria suficiente para explicar as críticas e o consequente abandono das teorias equivocadas sobre a América Latina, fornecidas pelas diversas versões das teorias da modernização então hegemônicas na sociologia dos Estados Unidos ou traduzidas politicamente no espectro das esquerdas nas ideologias nacional-desenvolvimentistas, por parte dos cientistas sociais latino-americanos que se associavam a aspirações de mudanças estruturais, radicais, em seus respectivos países, capazes de conduzir à superação das desigualdades e ampliação da participação

democrática. Fals Borda situa, acertadamente, a explicação desse processo na percepção do momento de crise por que passava a América Latina, descrevendo-a como existente desde o final da Segunda Guerra e intensificada ao findar os anos 50. Tais situações de crise são entendidas como um fenômeno de mudança das estruturas sociais, que desorganizam os modos de vida tradicionais das nações latino-americanas (FALS BORDA, 201, p. 219-220). Tais mudanças, porém, estariam eivadas de contradições em meio à incorporação dos países latino-americanos à esfera de influências das nações de desenvolvimento capitalista avançado, centrais, criando condições políticas e culturais bastante difíceis para uma emancipação e conquista da autonomia por parte das nações subdesenvolvidas de origem colonial. A manutenção da dependência nos marcos do capitalismo significava a permanência das desigualdades e o acirramento das contradições internas entre as classes, já que as elites dominantes não poderiam assumir posições nacionalistas radicais sem colocar em risco seus próprios privilégios. A própria história de violência repressiva na Colômbia contra as camadas populares e o pensamento crítico de contestação dessa realidade, tão brilhantemente analisada por Fals Borda em seus trabalhos, faz com que o autor desenvolvesse uma percepção aguda das contradições daquele movimento de protesto nas ciências sociais latino-americanas.

As soluções aventadas pelo reformismo (ou desenvolvimentismo), conforme Fals Borda (2015, p. 222), não seriam capazes de corrigir as raízes estruturais do fenômeno da expropriação colonial, da exploração imperialista e da dominação autocrática dos países latino-americanos. Foi a tomada de consciência, por parte dos sociólogos da América Latina, dessa situação geral de exploração e dominação comum a seus respectivos países e típicas de situações de subdesenvolvimento e dependência, que implicou uma mudança nas orientações teóricas, políticas, metodológicas e epistemológicas desses cientistas

sociais. A crise das sociedades latino-americanas conduz a uma crise teórica e política na própria sociologia. Descrevendo esse movimento até o ano de 1969, data de publicação de sua comunicação no congresso já referido, Fals Borda identifica uma primeira fase de implantação e institucionalização das ciências sociais na América Latina. Inspirando-se em “modelos teóricos e conceitos que tenderam a sistematizar o conhecimento e incorporá-lo na corrente intelectual da Europa e Estados Unidos”, lugares em que muitos dos quais haviam recebido suas formações (FALS BORDA, 2015, p. 225), os sociólogos da América Latina produziram os primeiros estudos empíricos, baseados nos métodos e teorias das ciências sociais transplantadas dos centros hegemônicos, sobre suas respectivas realidades nacionais. Fals Borda a define como fase de “incubação”, uma etapa importante de implantação das ciências sociais na América Latina.

Já o segundo momento seria o das primeiras tentativas de “articulação da nova posição” (FALS BORDA, 2015, p. 227). Trata-se de um momento de questionamento das teorias transplantadas e da constatação de seus equívocos na interpretação da especificidade das formações históricas latino-americanas. São realizados os primeiros questionamentos quanto aos métodos, conceitos e teorias das ciências sociais, bem como aprofundadas as críticas sobre a função da sociologia na solução dos problemas do subdesenvolvimento e das desigualdades nos países da América Latina. Fals Borda cita como marcos desse momento histórico a realização do seminário *Resistências à mudança* em 1959, no Rio de Janeiro, pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, ainda sob a presidência de Luiz Aguiar da Costa Pinto e as Jornadas Latinoamericanas y Argentinas de Sociología de 1961 em Buenos Aires, destacando-se neste último evento a comunicação de Camilo Torres Restrepo, intitulada *El problema de la estructuración de una auténtica sociología latinoamericana*. Não se pode dizer que se

tratava de um esforço plenamente consciente de construção de uma nova posição, pois os cientistas sociais se debatiam dentro dos antigos horizontes conceituais e os intentos de superação se deparavam com os limites da ausência de novas categorias teóricas. As próprias mudanças das sociedades latino-americanas, como a irrupção de ditaduras militares em diversos de seus territórios, acabariam muitas vezes por resolver a questão, produzindo reviravoltas em muitas das antigas ilusões desenvolvimentistas que ainda persistiam. O certo é que não se pode considerar tal processo como unilinear.

Por fim, o terceiro momento corresponde a uma etapa mais decisiva desse movimento de protesto contra o colonialismo mental. Trata-se de uma fase em que a sociologia latino-americana assume um firme intento de autonomia intelectual. A crítica das tradições clássicas das ciências sociais dá lugar a uma produção teórica original calcada na realidade latino-americana. Os cientistas sociais se lançam não apenas a uma rebelião epistemológica, mas sobretudo à reorientação política da maneira de conceber as relações entre ciência e mudança social. Isso não significava abandonar as exigências de rigor científico, mas principalmente aprofundar as possibilidades de conhecimento objetivo do mundo social. Para nada adiantaria um conhecimento que trouxesse ilusões para a luta das camadas populares. Na verdade, a objetividade seria uma necessidade política para aqueles setores que não tivessem nada a perder com a descoberta de certas verdades proporcionadas pelas ciências sociais, pois não teriam que escamotear a realidade a fim de esconder as raízes das relações de dominação e exploração.

São vários os nomes elencados por Fals Borda como representantes dessa terceira etapa do movimento de protesto na sociologia latino-americana. Não caberia mencionar aqui todos, mas se pode destacar as contribuições já lembradas de Costa Pinto e Guerreiro Ramos, o ensaio clássico de Rodolfo Stavenhagen intitulado *Sete teses equivocadas sobre*

América Latina, o próprio Fals Borda em seus textos sobre “ciências e compromisso” e “sociologia subversiva”, Pablo González Casanova, Eliseo Verón, Theotonio dos Santos, Aldo Solari, dentre outros. A única referência a Florestan Fernandes, como foi visto, se faz em relação ao seu livro *A sociologia numa era de revolução social*. A localização da obra de Fernandes na terceira etapa sinaliza, entretanto, para a percepção de que o sociólogo brasileiro estaria situado num momento de maturidade teórica da “sociologia comprometida” latino-americana. De fato, um dos elementos de força deste autor seria a exigência de integração teórica nas ciências sociais alinhada a uma perspectiva política de ciência caracterizada pela “intervenção racional na realidade”. As ideias de *A sociologia numa era de revolução social* serão agora analisadas, levantando-se algumas hipóteses sobre o lugar de Florestan Fernandes na América Latina.

Florestan Fernandes e a América Latina

Um estudo sistemático sobre a contribuição teórica de Florestan Fernandes para as ciências sociais latino-americanas ainda está por ser realizado. São poucos os trabalhos mais específicos que tematizam as relações, as divergências e afinidades de Fernandes com os dilemas sociais e políticos da América Latina ou com intelectuais de outros países latino-americanos. Ainda parece predominar certo colonialismo ilustrado que prefere comparar o sociólogo brasileiro aos grandes nomes dos centros intelectuais europeus ou norte-americanos. Dentre essas raras e importantes exceções, pode-se citar os trabalhos de Brasil Jr. (2013), Blanco e Jackson (2014a, 2014b) e Silveira (2018). Analisando a circulação internacional de Florestan Fernandes, pode-se perceber que, apesar de ter desfrutado então de certa notoriedade e prestígio na América Latina principalmente nos anos 1960, haverá um progressivo apagamento do seu nome na década seguinte, para o

qual talvez tenha contribuído seu afastamento da vida acadêmica institucionalizada. Esse relativo isolamento se pode inferir da leitura do artigo de Blanco e Brasil Jr. (2018), *A circulação internacional de Florestan Fernandes*. Existe, contudo, toda uma documentação capaz de estabelecer mais exatamente os vínculos de Florestan Fernandes com o pensamento social latino-americano, a ser examinada em seu arquivo pessoal e na sua biblioteca, que ainda não recebeu o olhar crítico merecido. Nesse sentido, a maioria dos trabalhos sobre o autor termina por vinculá-lo tão somente à história das ciências sociais no Brasil. Isso contrasta com o respeito e admiração de que desfrutava o sociólogo brasileiro – muito especialmente até início da década de 1970 – entre seus pares de outros países latino-americanos. O reconhecimento de sua obra ficará restrito algum tempo depois a um círculo muito seletivo de personalidades renomadas na América Latina, como atesta suas correspondências com Fals Borda, José Nun, Gérard Pierre-Charles, Isaac Ganón, Pablo González Casanova, Orlando Albornoz, Julio Le Riverend, Roberto Fernandez Retamar, dentre outros. O conhecimento de sua obra esteve mais circunscrito a tais gerações de intelectuais latino-americanos. Tanto é assim que os teóricos decoloniais latino-americanos posteriores sequer chegam a citá-lo, apesar de muitas das ideias de Florestan Fernandes anteciparem as críticas dessa corrente ao eurocentrismo e colonialismo nas ciências sociais. Talvez duas circunstâncias concorram para explicar essa aparente invisibilidade de Florestan Fernandes na América Latina, sendo preciso dizer, contudo, que há um movimento mais recente de redescoberta do autor além das fronteiras brasileiras⁸. A primeira se refere às diferenças entre as experiências intelectuais

⁸ O pioneirismo coube à antologia de textos fundamentais de Florestan Fernandes organizada em 2008 por sua filha, Heloísa Fernandes, para a CLACSO, *Dominación y desigualdad: el dilema social latinoamericano*, com ampla divulgação na América Latina. Heloísa Fernandes escreveu para essa antologia uma alentada e densa introdução, *Florestan Fernandes, un sociólogo socialista* (FERNANDES, 2008). Mais recentemente foram publicados dois livros na Argentina do sociólogo brasileiro, *¿Qué es la revolución?* (FERNANDES, 2019) e *El negro en el mundo de los blancos* (FERNANDES, 2017). Ainda

de formação acadêmica nas ciências sociais entre o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) e a Universidade de São Paulo (USP); a segunda, como já aventado, ao relativo isolamento institucional do sociólogo brasileiro após ter optado por abandonar a possibilidade de construir uma carreira como docente titular na Universidade de Toronto. Ao retornar do Canadá, em fins de 1972, Florestan Fernandes se recolhe a uma espécie de prisão domiciliar e atua principalmente na organização de coletâneas de textos das ciências sociais ou relativos a teóricos marxistas revolucionários, respectivamente nas coleções Grandes Cientistas Sociais, da Editora Ática, e Pensamento Socialista, da HUCITEC. Apenas a primeira ordem de circunstâncias receberá, por razões de espaço, uma análise mais aprofundada.

A existência do CLAPCS permitiu, nas ciências sociais brasileiras, uma experiência ímpar de circulação internacional de ideias na América Latina. Comparado com o desdobramento das ciências sociais na USP, pelo menos até meados dos anos de 1960, o Centro parece ter assumido um caráter mais cosmopolita. Voltada para si mesma, a sociologia *uspiana* tomava muitas vezes São Paulo como o seu marco explicativo por excelência, o *tipo extremo* analisado por Florestan Fernandes em seus trabalhos, tal como Marx teria utilizado como modelo exemplar do desenvolvimento capitalista mais avançado a Inglaterra. Essa aparente debilidade *uspiana* atuou, no caso de Fernandes, como um estímulo inegável para o aprofundamento teórico a partir da tentativa de superar o provincianismo local, mesmo que se tratasse de um provincianismo refinado, resultante das missões estrangeiras que estiveram presentes na fundação da Universidade de São

foi publicado em espanhol, no México, um artigo sobre a sociologia de Florestan Fernandes (MORALES, 2017) e alguns outros trabalhos têm procurado relacioná-lo com figuras importantes do pensamento e das ciências sociais latino-americanas (RUBBO, 2016, SILVA JR.; ARRUDA, 2012). A lista poderia se estender um pouco mais, mas essas referências já seriam suficientes para indicar o interesse renovado pela obra de Florestan Fernandes na América Latina.

Paulo. Traçando um contraste, nenhum dos nomes atuantes no CLAPCS parece ter proposto, como Florestan Fernandes, um projeto de síntese teórica na sociologia, tal como expresso nos seus trabalhos de sistematização das divisões da disciplina⁹ (Fernandes, 1974 e 1976). Pode-se, nesse sentido, atribuir parte da notoriedade de Florestan Fernandes entre seus pares de outros países na América Latina a seu esforço pioneiro de construção de uma síntese teórica e metodológica na sociologia, à época um intento pouco comum entre os sociólogos latino-americanos. A principal referência de então, em termos de síntese teórica, era Talcott Parsons, porém Fernandes rejeitava de pronto suas formulações altamente gerais e abstratas, conhecimentos úteis no plano conceitual, mas insuficientes em investigações de realidades históricas concretas, muito especialmente em se tratando das nações subdesenvolvidas do Terceiro Mundo.

Algumas referências históricas indicam o tipo de prestígio intelectual de que desfrutava Florestan Fernandes nas ciências sociais latino-americanas. A primeira se trata de um curso de história da sociologia, ministrado entre 1961 e 62 na Universidad Central de Venezuela, por Orlando Albornoz. A obra teórica de Florestan Fernandes foi analisada na seção “desenvolvimento teórico da sociologia latino-americana”, como um exemplo nacional brasileiro, ao lado dos trabalhos de Gino Germani na Argentina e de Lucio Mendieta y Nuñez no México. A cópia do original datilografado da proposta do referido curso está anexa ao presente artigo. Autor de um importante trabalho sobre a história da sociologia na Venezuela, Albornoz talvez seja um dos sociólogos latino-americanos que

⁹ As divisões da sociologia propostas por Florestan Fernandes são seis: Sociologia Geral ou Teórica, Sociologia Formal, Sociologia Comparada, Sociologia Histórica ou Diferencial, Sociologia Descritiva e Sociologia Aplicada. Os ensaios em que estabelece tais divisões se intitulam “A Sociologia: objeto e principais problemas”, de 1957, e “As perspectivas fundamentais da explicação sociológica”, de 1965. Não seria aqui o lugar para explanar tais divisões, porém elas sugerem uma concepção de ciência sociológica que combina, de modo integrado, objetivos práticos, empíricos e teóricos. De igual modo, tais divisões da sociologia fazem parte de suas ideias relativas ao papel político das ciências sociais.

mais tenha se dedicado a examinar a perspectiva teórica de Florestan Fernandes. Em carta datada de 07/05/1962, Albornoz solicita ao próprio autor que seria estudado em seu curso informações sobre “dados biográficos, com especificação de estudos”, “bibliografia completa, incluindo artigos e conferências” e “informações publicadas sobre o Sr., de qualquer índole” (Albornoz, 1962a). Já em 03/08/1962, o colega venezuelano indica o recebimento das informações solicitadas (Albornoz, 1962b). Um de seus objetivos era tornar Florestan Fernandes conhecido entre os estudantes venezuelanos.

Além desse interesse pelo aspecto teórico da obra de Florestan Fernandes, o autor em questão também demonstra ter conhecimento de outros trabalhos como *A sociologia numa era de revolução social* e *A integração do negro na sociedade de classes* (Albornoz, 1965a/b), revelando acentuado apreço pela qualidade do material e da interpretação contida neste último livro. A segunda referência histórica importante, pouco conhecida, foi a candidatura de Florestan Fernandes ao cargo de Diretor do CLAPCS¹⁰, conforme carta do próprio candidato, datada de 19/12/1960 (FERNANDES, 1960), a Isaac Ganón, então presidente do Comitê Diretivo do Centro e da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Mais significativo a esse respeito, contudo, revelando a projeção do nome de Florestan Fernandes como cientista social latino-americano foi o apoio à sua candidatura para Diretor do CLAPCS pela Secretaria Executiva da CEPAL. Em carta de 29 de setembro de 1960, o então Diretor Principal Adjunto da CEPAL, Louis N. Swenson, envia uma carta a Isaac Ganón explicitando as razões desse apoio:

¹⁰ A candidatura de Florestan Fernandes à Direção do CLAPCS levanta hipóteses interessantes sobre as relações e disputas entre as ciências sociais praticadas entre Rio de Janeiro e São Paulo. Dada a inserção internacional do CLAPCS na América Latina, atuar no Centro interessaria fortemente a Florestan Fernandes tendo em vista sua aspiração acadêmica de realizar uma “sociologia comparada”. Isso pode também significar uma afinidade maior entre seu padrão de sociologia e as pesquisas do CLAPCS, de modo a se relativizar a oposição Rio-São Paulo na história das ciências sociais. Outro elemento importante é que, não tendo sido eleito diretor do CLAPCS, Florestan Fernandes participa em 1962 da fundação do CESIT, com pesquisas no âmbito nacional, mas com aspirações comparativas na América Latina (FERNANDES, 1980, p. 187).

[...] creemos que es de la mayor importancia que el nombramiento para la dirección del Centro Latinoamericano de Ciencias Sociales, al que deberá proceder próximamente el Comité Directivo de la digna presidencia de usted, incida sobre la persona que, por su categoría y sus actividades anteriores, ofrezca suficientes garantías para manejar el Centro de manera eficaz y con un amplio sentido latinoamericanista. Esto es, una persona que reúna en el más alto grado posible las calificaciones de científico social de prestigio profesional en su país y en los medios científicos latinoamericanos e internacionales, de investigador experimentado y de organizador de trabajos en equipo de capacidad comprobada.

Creemos que el Profesor Florestan Fernandes, de la Universidad de São Paulo, cuya candidatura ha sido propuesta a usted, reúne dichas condiciones en el grado más elevado (SWENSON, 1960, p. 1-2).

Em carta de Isaac Ganón a Florestan Fernandes, datada de 09/02/1961, a situação das candidaturas para a Direção do Centro seria relatada. Dentre outras coisas, Ganón menciona as conversas que teve com o colega brasileiro a respeito do desenvolvimento das ciências sociais na América Latina e as possibilidades de intercâmbio entre os cientistas sociais da região (GANÓN, 1961)¹¹. O nome escolhido em reunião extraordinária ocorrida em março de 1962 do Comitê Diretivo na cidade de Bogotá, contudo, foi o de Manuel Diégues Jr., “antigo colaborador do Centro” (CLAPCS, 1961, p. 274), com quem Florestan Fernandes manteve uma convivência amistosa, trocava correspondência e colaborou em publicações do Centro (CLAPCS, 1965). Dificilmente Florestan Fernandes teria sido eleito como novo diretor, dado que Manuel Diégues Jr. trabalhava em projetos de pesquisa dentro do CLAPCS. Cumpre lançar mão de uma hipótese contrafactual e perguntar se a produção de Florestan Fernandes teria diferido bastante, em termos teóricos de construção de uma visão do capitalismo dependente na

¹¹ As cartas de Orlando Alborno, Florestan Fernandes, Louis Swenson e Isaac Ganón mencionadas estão dispostas em ordem cronológica como anexos a este artigo. Uma análise de caráter autobiográfico sobre o clima intelectual da CEPAL pode ser encontrada em *A fantasia organizada* (FURTADO, 1997). A leitura deste livro, contida na obra autobiográfica de Celso Furtado em três tomos, é importante para fins comparativos em relação ao CLAPCS e para a compreensão do clima de cooperação entre diversas instituições de caráter internacional, também voltadas para investigações nas ciências sociais.

América Latina, se ele tivesse atuado como diretor do Centro. Isso só seria o caso se o CLAPCS tivesse desenvolvido uma orientação teórica fortemente crítica das teorias da modernização, o que não parece ter sido o caso, a julgar pelo balanço crítico dos números da publicação do Centro, a revista *América Latina*, realizado por Lúcia Lippi de Oliveira (1995). Com raras exceções, os autores independentes que contribuíam na revista, ou que estavam vinculados aos quadros do Centro, produziram perspectivas críticas capazes de romper com os horizontes políticos e epistemológicos das teorias da modernização. Nesse sentido, pode-se dizer que foi mais proveitoso para Florestan Fernandes se dedicar ao aprofundamento de sua perspectiva crítica do subdesenvolvimento e do capitalismo dependente do que simplesmente tentar sistematizar dados de investigações, feitas em condições as mais díspares possíveis.

Por outro lado, cumpre dizer que talvez a concepção de uma Sociologia Comparada da América Latina, almejada por Fernandes, pudesse ter se aprimorado e refinado muito mais caso tivesse atuado como diretor do CLAPCS. O seu enfoque comparado foi inicialmente exercitado no âmbito do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (CESIT) nos limites da sociedade nacional, numa pesquisa realizada em conjunto com Paul Singer sobre distintos padrões de desenvolvimento socioeconômico de quatro capitais brasileiras. Em termos de América Latina, sua referência empírica maior seria o Brasil, encarado como um *tipo extremo* de desenvolvimento capitalista dependente e, por isso, tomado como marco de referência para analisar as demais sociedades nacionais latino-americanas. Pode-se questionar o autor sobre a pertinência da caracterização do Brasil como *tipo extremo* do capitalismo dependente, dadas as particularidades de outros países da América Latina, cujos padrões de desenvolvimento apresentam entre si elementos irredutíveis que, apesar das semelhanças e aspectos gerais

em comum, não poderiam ser dispostos numa mesma linha ascendente. Uma colaboração ainda mais forte com o CLAPCS talvez tivesse lhe ajudado a corrigir alguns enviesamentos interpretativos, inevitáveis ao tomar o Brasil como fundamento empírico principal de suas conclusões. Na década de 1970, porém, seu enfoque comparado irá tratar de maneira mais específica outras sociedades latino-americanas, não por meio de investigações empíricas próprias, mas dos trabalhos realizados por outros cientistas sociais da América Latina.

Uma terceira referência histórica diz respeito a um texto encontrado no arquivo particular de Florestan Fernandes, intitulado *La obra de Florestan Fernandes*, sem indicação de autoria e data, mas provavelmente escrito entre 1970 e 1975. A última referência bibliográfica de Fernandes contida no texto indica o ano de 1970, não tendo sido citados trabalhos posteriores e sua obra clássica, *A revolução burguesa no Brasil*, de 1975, não é mencionada. Por isso se supõe que o original datilografado em espanhol tenha sido escrito no início dos anos 70, provavelmente mais próximo de 1970. Esse trabalho anônimo trata de grande parte dos textos escritos por Fernandes à época até então publicados e focaliza suas investigações sociológicas, mas também suas concepções teóricas e metodológicas na sociologia e, mais importante, sua visão do papel político do cientista social presente em *A sociologia numa era de revolução social*. Pelo estilo da escrita, o texto é muito provavelmente de autor de fala hispânica. A primeira página do original datilografado foi reproduzida como anexo do presente artigo. O trabalho demonstra, contudo, certo espriamento da obra de Florestan Fernandes por países da América Latina, sendo fortemente valorizada sua dimensão teórica. Ao mesmo tempo, o autor anônimo considera que Florestan Fernandes sempre defendeu uma perspectiva

participativa na sociologia, não confundindo a necessária objetividade do conhecimento científico com a falsa noção de neutralidade.

Outras duas referências dignas de nota seriam sua participação no Conselho Assessor do Projeto Marginalidade na América Latina nos anos 60, coordenado pelo argentino José Nun sob os auspícios do ILPES-CEPAL e DESAL, e no seminário sobre classes sociais na América Latina na cidade de Mérida, no México, em 1971 (BENÍTEZ ZENTENO, 1977). Por razões explicadas pelo próprio coordenador, o cientista político José Nun (SVAMPA; PEREYRA, 2016), o Projeto Marginalidade ficou inconcluso e o Conselho Assessor foi dissolvido, porém o próprio Florestan Fernandes havia sido cogitado antes para coordenar essa grande pesquisa comparativa, que envolvia diferentes países da América Latina. Outros vínculos históricos de Florestan Fernandes com a América Latina se produziram no período em que esteve lecionando na Universidade de Toronto. Suas publicações, aulas e conferências da época se voltam quase integralmente para América Latina, aprofundando a leitura de pensadores como José Martí, Mariátegui, Frantz Fanon e o estudo dos processos revolucionários, dentre os quais a Revolução Cubana. No entanto, além das publicações dessa época e de poucas referências em suas entrevistas, muito pouco se sabe sobre seu círculo de relações intelectuais entre 1969 e 1972. Um dos caminhos seria mapear as correspondências de Florestan Fernandes quando de sua permanência na Universidade de Toronto e, assim, reconstituir o mais amplamente possível sua rede de cooperação entre intelectuais latino-americanos e acadêmicos de universidades norte-americanas¹². Um achado interessante é que, na época de sua estadia

¹² Paralelamente à pesquisa sobre a marginalia de Florestan Fernandes, um dos autores do presente artigo iniciou um mapeamento das correspondências do sociólogo brasileiro durante o seu período na Universidade de Toronto (1969-1972). Data dessa época sua amizade com o advogado e cientista político argentino José Nun, o qual foi professor desta universidade por 25 anos. A troca de correspondências entre Nun e Florestan Fernandes, por exemplo, trata de diversos assuntos relacionados à Argentina, como o *penorismo* e a situação política prévia à eclosão da ditadura em 1976.

no Canadá, um pensador terceiro-mundista muito lido pelos jovens estudantes universitários foi Frantz Fanon, conforme informações prestadas por Marion Blute e Bernd Baldus, professores aposentados da Universidade de Toronto, a um dos autores do presente artigo, por meio de correspondência eletrônica. Marion Blute foi aluna de um curso sobre sociedades latino-americanas, ministrado por Florestan Fernandes no ano letivo de 1969 e produziu um *paper* comparando Frantz Fanon e Ivan Illich, em particular suas visões sobre o desenvolvimento autônomo.

Uma hipótese a ser considerada em tais investigações seria que o isolamento institucional de Florestan Fernandes, após ter decidido deixar seu posto de trabalho na Universidade de Toronto, pode ter repercutido negativamente para uma recepção mais ampliada de sua produção na América Latina. Apenas em fins da década de 1970 e começo dos anos 80, com seu livro sobre a Revolução Cubana e sua viagem durante uma semana a Cuba em 1981, é que Florestan Fernandes seria saudado por intelectuais cubanos como Julio Le Riverend e Roberto Fernandez Retamar. Data também mais ou menos dessa época sua amizade com Gerárd Pierre-Charles, cientista político haitiano algum tempo exilado em Cuba. Tais indicações permitem, agora, um novo olhar sobre o lugar de Florestan Fernandes nas ciências sociais latino-americanas.

Nos debates teóricos da década de 1960, o livro *A sociologia numa era de revolução social* não pode ser compreendido apenas nos horizontes do contexto brasileiro da história das ciências sociais. O tema central do livro se concentra no tipo de investigação sociológica necessário ao enfrentamento dos dilemas do subdesenvolvimento e no papel político do cientista social nos processos de mudança social, em termos de consolidação de uma ordem democrática. Tratava-se de uma preocupação comum a outros cientistas sociais na América Latina, como bem o

demonstram as ideias de Fals Borda anteriormente expostas. Florestan Fernandes pensava a sociologia como uma ciência da intervenção social, não dissociando a possibilidade de tais esforços práticos do trabalho de sistematização teórica e da investigação empírica do próprio processo de mudança, do qual o sociólogo poderia participar diretamente na dupla condição de cientista e cidadão. Isso implicava, ao mesmo tempo, escolhas políticas por parte do sociólogo, em meio às correntes de opinião e ideologias de diferentes grupos sociais, e a exigência de preservar a objetividade do conhecimento sociológico. Essa postura não se coaduna com uma concepção positivista¹³.

O papel político do sociólogo, na perspectiva de Florestan Fernandes, emerge da própria dimensão valorativa das ciências sociais no mundo moderno. Tanto a ciência em geral, como também as ciências sociais mais especificamente, surgem de transformações históricas que remetem a valores de defesa da liberdade de pensamento e da construção da democracia como estilo de vida. É assim que Fernandes aponta, em sua comunicação presidencial ao II Congresso Brasileiro de Sociologia, dois “requisitos essenciais à expansão da ciência no Brasil: a consolidação da ordem social democrática e o uso do planejamento como fator de orientação ou aceleração da mudança social” (FERNANDES, 1976[1962], p. 63). Ou seja, não estava vedada ao cientista a escolha de opções práticas ou políticas, pois a dimensão valorativa era parte integrante da própria ciência. Em termos de participação política, o sociólogo iria se deparar com as ideologias e interesses de diversos grupos sociais, sendo mesmo inevitável sua relação com tal

¹³Alguns autores chegam a caracterizar Florestan Fernandes como universalista e racionalista na sociologia, chegando mesmo a identificá-lo como positivista. Trata-se de uma visão errônea. Em sua sistematização teórica das divisões da sociologia, o autor fala de um tipo de conhecimento mais ou menos consensual e universal no âmbito da Sociologia Formal, principalmente. Mas essa não seria toda a sociologia, pois em outros campos, como no da Sociologia Histórica, os conceitos assumem tons concretos, mais afeitos a contextos sociais específicos e particulares. De outro prisma, Florestan Fernandes recusava a neutralidade científica, pois entendia que os valores das ciências sociais se vinculavam ao *ethos* da ordem democrática, a qual deveria pautar as escolhas políticas dos cientistas sociais.

conjunto de ideologias, muitas delas conflitantes e antagônicas entre si. A postura de Florestan Fernandes era a de tomar posições que não colidissem com as exigências específicas de contribuição do cientista, em geral, e do sociólogo, em particular, à promoção do progresso social e moral da coletividade como um todo ou, no caso dos países subdesenvolvidos, à promoção do desenvolvimento nacional.

É nesse sentido que Florestan Fernandes não nega em bloco as relações entre as ideologias e a sociologia. Na verdade, as próprias ideologias e a consciência social dos grupos humanos seriam uma dimensão fundamental da análise sociológica. Sem confundir ciência e ideologia, sua preocupação era evitar que o sociólogo ou cientista social sucumbisse “às conveniências de manipulação do poder pelas camadas sociais dominantes, sejam elas quais forem” (FERNANDES, 1976[1962], p. 62). A própria atuação pública do autor indica essa orientação. Ao participar da Campanha em Defesa da Escola Pública, em fins da década de 1950 e início dos anos 60, sua condição de sociólogo esteve a serviço das posições mais progressistas, democráticas e republicanas dos grupos que lutavam contra o monopólio privatista na educação. O relato de sua experiência de atuação na Campanha, bem como suas reflexões sobre as relações entre a Sociologia e a participação pública do sociólogo nos debates sobre os rumos da sociedade, pode ser encontrado no ensaio *A comunicação entre os sociólogos e o grande público* (FERNANDES, 1976[1962], p. 108-134). De outro lado, o autor vinculava a participação prática do sociólogo em processos de “intervenção racional na realidade” e no planejamento social às exigências de sistematização teórica dos campos da sociologia, não dissociando a consciência política inconformista de transformação democrática da sociedade da construção acadêmica de uma sociologia rigorosa. Em especial, Fernandes pensava a sociologia como uma ciência da intervenção social, por meio do campo de

investigações da Sociologia Aplicada. Ao caracterizar os alvos centrais da explicação sociológica no texto de sua comunicação presidencial, Florestan Fernandes enfatiza a importância da “sociologia diferencial (ou histórica), a sociologia comparada e a sociologia aplicada” (FERNANDES, 1976[1962], p. 78), evidenciando como os alvos e motivos práticos e teóricos da investigação estão intimamente imbricados.

Por fim, Florestan Fernandes formulou o problema da opção prática ou das escolhas políticas na sociologia com a seguinte pergunta: “Existem critérios científicos de opção”? Os juízos de valor contidos nas ideologias (e utopias) correspondem a determinados projetos de sociedade, que sempre impactam de modo mais ou menos profundo as visões de mundo dos sociólogos. “O próprio cientista social reproduz a imagem da sociedade em que vive” (FERNANDES, 1976[1961], p. 98). Nesse sentido, é algo inevitável a impregnação ideológica dos cientistas sociais, mesmo que procurem negá-la por meio do apelo à neutralidade, não lhe estando vedadas escolhas políticas. Para Fernandes, entretanto, “o cientista opera sempre, na escolha de fins e de meios, através do conhecimento positivo da realidade e das condições previsíveis de sua alteração pelo comportamento humano” (FERNANDES, 1976[1961], p. 106). Ou seja, as escolhas dos fins e meios, que implicam juízos de valor, são submetidos aos critérios do próprio raciocínio científico, tornando impossível a neutralidade em relação aos valores. Negando esse aspecto da tradição *weberiana* nas ciências sociais, Florestan Fernandes julgava legítimo a transição entre “juízos de valor” e “juízos de realidade”:

Vejo-me tentado a dizer, com outras palavras, que o cientista tem-se esforçado por traduzir seus “juízos de valor” na mesma linguagem e segundo o mesmo método empregados para enunciar seus “juízos de realidade”. Portanto, o único dilema que subsiste (se de fato existe algum), está em como passar de um tipo de juízo a outro, respeitando-se a qualidade do conhecimento científico (FERNANDES, 1976[1961], p. 106).

Não se trata, em outros termos, de uma concepção positivista de ciência que defenda a neutralidade axiológica e, muito menos, de uma postura que identifique no sociólogo a capacidade quase divina, não-humana, de transcender as ideologias (e utopias) presentes na sociedade e vinculadas aos grupos em conflito. É um lugar-comum identificar Florestan Fernandes com a imagem de um cientista social que se julgava acima das visões de mundo dos grupos sociais, analisando do alto e objetivamente sua própria sociedade, julgando-se dela apartado. Embora não confunda ideologia e ciência, sua visão exata era a de que o sociólogo estaria imerso nas tensões e conflitos da vida social, ou seja, em meio às ideologias e não acima delas, esta última uma verdadeira impossibilidade sociológica. O problema da opção política, no interior mesmo da sociologia de Florestan Fernandes, foi equacionado por meio de sua sistematização teórica dos campos da disciplina ao sugerir que nada impede o cientista social de atuar na transformação de sua própria sociedade e, ao mesmo tempo, analisar objetivamente as alterações da realidade provocadas em alguma medida pela sua participação nas correntes de mudança e nos embates entre diversos movimentos sociais.

Considerações finais

O debate sobre o papel político da sociologia na América Latina produziu reflexões como as de Fals Borda e Florestan Fernandes. No caso do primeiro, a perspectiva *telética* ou *teleológica*, nos termos acima explicitados, se vinculava a um projeto político de mudança social a favor das camadas populares. Responsável pela fundação da primeira Faculdade de Sociologia na Colômbia em 1959, ao lado de Camilo Torres Restrepo, o intelectual engajado Orlando Fals Borda procurou combinar o rigor

do conhecimento científico e a participação nos movimentos sociais¹⁴. A exigência de um saber objetivo sobre o mundo social seria uma característica em comum entre Fals Borda e Florestan Fernandes. Este último tem sido quase sempre avaliado como um cientista social neutro, cientificista, racionalista e asséptico, visão essa que não corresponde a seu ideal de uma Sociologia Aplicada, baseada na integração entre os móveis práticos ou políticos, empíricos e teóricos da investigação sociológica. A diferença entre ambos reside nas ênfases distintas entre os dois autores. Fals Borda orientou suas investigações para o aprofundamento de metodologias participantes nas ciências sociais, combinando tal esforço ao desenvolvimento prático e teórico de uma sociologia da mudança, da crise e da subversão. Já Florestan Fernandes se empenhou, de maneira mais abrangente, a um trabalho de sistematização teórica e de síntese na Sociologia que percebia a perspectiva prática de atuação política do sociólogo como um dos campos de investigação de sua disciplina científica, sendo errônea a interpretação de que haveria uma completa separação entre o acadêmico e suas aspirações políticas de mudança social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Orlando. [Carta] 5 maio 1962a, Caracas [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo, 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0108)

_____. [Carta] 3 ago. 1962b, Caracas [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo, 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0106)

_____. [Carta] 4 maio 1965a, Caracas [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo, 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0102)

¹⁴ Não foi objetivo do presente artigo realizar uma análise mais ampla do conjunto da obra dos dois sociólogos aqui em consideração. Em relação a Fals Borda, um panorama mais amplo de sua contribuição para as ciências sociais pode ser buscado em Breno Bringel e Emiliano Maldonado, “Pensamento crítico latino-americano e pesquisa militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação”, *Revista Direito & Práxis*, v. 7, n. 13, 2016, p. 389-413. No caso de Florestan Fernandes, sua inserção na América Latina ainda merece investigações mais detidas, por isso as referências a suas relações acadêmicas com outros intelectuais latino-americanos se fizeram mais numerosas.

_____. [Carta] 1 ago. 1965b, Caracas [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo, 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0104)

_____. 1965. *Proceso a la sociología*: pormenores de la vida universitaria. Caracas: Tecni-Ciencia Editores.

_____. 1966. *Libertad académica y educación superior en América Latina*. Caracas: Dipuven.

_____. 1988. *The Latin American University facing the 21st Century*. New Delhi: Wiley Eastern.

AZEVEDO, Fernando de. 1955. “A Antropologia e a Sociologia no Brasil”, in F. de Azevedo (org.), *As ciências no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos.

BENÍTEZ ZENTENO, Raul (org.). 1977. *As classes sociais na América Latina*: problemas de conceituação. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BLANCO, Alejandro; BRASIL JR., Antonio. 2018. A circulação internacional de Florestan Fernandes. *Sociologia & Antropologia*, v. 8, n. 1, p. 69-107.

BLANCO, Alejandro; JACKSON, Luiz Carlos. 2014a. Florestan Fernandes no espelho de Gino Germani. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 127-161.

_____. 2014b. *Sociologia no espelho*: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970). São Paulo: Editora 34.

BRASIL JR, Antonio. 2013. *Passagens para a teoria sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani*. São Paulo: HUCITEC.

BRINGEL, Breno, MALDONADO, Emiliano. 2016. Pensamento crítico latino-americano e pesquisa militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação. *Revista Direito & Práxis*, v. 7, n. 13, p. 389-413.

CENTRO LATINO-AMERICANO DE PESQUISAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS. 1961. Reunião do Comitê Diretor. *Boletim*, Ano IV, n. 4, p. 273-276.

_____. 1965. *As ciências sociais na América Latina*. São Paulo: DIFEL.

COSTA PINTO, Luiz Aguiar da; CARNEIRO, Edison. 1955. *As ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: [s.n.].

COSTA PINTO, Luiz Aguiar da. 1963. *La sociología del cambio y el cambio de la sociología*. Buenos Aires: Eudeba.

FALS BORDA, Orlando. 1963. *El Brasil*: campesinos y vivienda. Bogotá: Imprenta Nacional.

_____. [Carta] 09 maio 1964, Bogotá [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo. 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0088)

_____. 1967. *La subversión en Colombia: el cambio social en la historia*. Bogotá: Universidad Nacional/Tercer Mundo.

_____. 1968. *Las revoluciones inconclusas en América Latina: 1809-1968*. México: Siglo XXI.

_____. [Carta] 27 jan. 1969a, Genebra [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo. 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.2385)

_____. [Carta] 12 ago. 1969b, Genebra [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo. 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.1221)

_____. [Carta] 27 ago. 1969c, Genebra [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo. 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.1229)

_____. [Carta] 12 set. 1969d, Genebra [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo. 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/01.10.5901)

_____. 1969e. Algunos problemas prácticos de la sociología de la crisis. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 31, n. 4, p. 767-793.

_____. 2015. *Una sociología sentipensante para América Latina*. México, D. F./Buenos Aires: Siglo XXI/CLACSO.

FERNANDES, Florestan. [Carta] 19 dez. 1960, São Paulo [para] GANÓN, Isaac, Montevideo, 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0289)

_____. 1970. Os dilemas da reforma universitária consentida. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 32, n. 4, p. 967-1004.

_____. 1974. *Elementos de sociologia teórica*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

_____. 1975. *Universidade Brasileira: reforma ou revolução?* São Paulo: Alfa-Ômega.

_____. 1976. *A sociologia numa era de revolução social*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1980. *A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

_____. 2006. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5ª ed. São Paulo: Globo.

- _____. 2010. *Florestan Fernandes: leituras & legados*. São Paulo: Global.
- _____. 2015. *Poder e contrapoder na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular.
- _____. 2017. *El negro en el mundo de los blancos*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento.
- _____. 2019. *¿Qué es la revolución?* Buenos Aires: La Batalla de Ideas.
- FERNANDES, Heloísa. 2008. Florestan Fernandes, un sociólogo socialista. In: FERNANDES, Florestan. *Dominación y desigualdad: el dilema social latinoamericano*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores & CLACSO.
- FURTADO, Celso. 1997. *Obra autobiográfica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GANÓN, Isaac. [Carta] 9 fev. 1961, Montevideo [para] FERNANDES, Florestan, São Paulo, 1f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0288)
- GARCIA, Sylvia Gemignani. 2002. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora 34.
- GILLY, Adolfo. 1971. *La revolución interrumpida. México, 1910-1920: una guerra campesina por la tierra y el poder*. México: Ediciones “El Caballito”.
- IESP. 2015. *Sociologia latino-americana II: desenvolvimento e atualidade*. Rio de Janeiro: NETSAL-IESP/IUPERJ.
- KOWARICK, Lúcio. 1977. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MORALES, Daniela M. R. 2019. Las raíces del pensamiento sociológico de Florestan Fernandes. *Estudios Sociológicos*, v. 37, n. 111, p. 551-580.
- NUN, José. 2001. *Marginalidad y exclusión social*. Buenos Aires: FCE.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. 1995. As Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: S. Miceli (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Sumaré/FAPESP.
- PIERRE-CHARLES, Gérard. 1988. *Université et démocratie*. Port-au-Prince: Centre de Recherche et de Formation Economique et Social pour le Développement.
- RAMOS, Guerreiro. 1954. *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo: prefácio a uma sociologia nacional*. Rio de Janeiro: Editorial Andes.
- RUBBO, Deni Alfaro. 2016. “Nosso irmão mais velho”: Florestan Fernandes, leitor de Mariátegui. *Lua nova* (online), n. 99, p. 79-105.

SILVA JR., José Antônio da; ARRUDA, Larissa Rodrigues Vacari de. 2012. A sociologia mexicana e brasileira em perspectiva comparada: Florestan Fernandes e Pablo González Casanova. *36º Encontro Anual da Anpocs*.

SWENSON, Louis N. [Carta] 29 dez. 1960 [para] GANÓN, Isaac, Montevideo, 2f. (UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.2070)

SILVA, Olga de Oliveira e; ALMEIDA, Maria Leda Rodrigues de. 1961. As universidades latino-americanas e sua autonomia”. *Boletim do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais*, IX, n. 3, p. 213-229.

SILVEIRA, Maria de Fátima Souza da. 2018. Da invisibilidade ao protagonismo: Florestan Fernandes no pensamento social latino-americano. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de São Paulo.

SVAMPA, Maristella, PEREYRA, Sebastián. 2016. Entrevista a José Nun, *Cuestiones de Sociología*, n. 14, p. 1-28.

TRINDADE, Hégio (org.). 2007. *As ciências sociais na América Latina em perspectiva comparada: 1930-2005*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS.

ZAPATA, Francisco. 2012. Rodolfo Stavenhagen, Sete teses equivocadas sobre América Latina (1965). *Sociedade e Cultura*, v. 17, n. 1, p. 171-182.

THE POLITICAL ROLE OF THE SOCIOLOGIST IN LATIN

AMERICA: dialogues between Fals Borda and Florestan Fernandes

ABSTRACT

This article deals with the intellectual relations between Orlando Fals Borda and Florestan Fernandes, addressing the similarities and differences between their respective views on the political role of the sociologist in Latin America. The specific period addressed in this paper refers to the 1960s, revolving around the debates on “committed sociology”. The research developed here involves documentary investigations carried out in January 2018 in Florestan Fernandes' personal archive and library, available at the Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Finally, hypotheses are raised about the place of Florestan Fernandes' sociological production in the history of sociology itself in Latin America.

KEYWORDS

Political Role of the Sociologist. Orlando Fals Borda. Florestan Fernandes. Latin America

ANEXO I – Cartas de Fals Borda a Florestan Fernandes em ordem cronológica



UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA
FACULTAD DE SOCIOLOGÍA
Bogotá, Colombia

02.09.0088

SOCIOLOGIA

Mayo 9, 1964

ANTROPOLOGIA SOCIAL

Prof. Florestan Fernandes
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Universidade de São Paulo
Caixa Postal, 8 105
São Paulo, BRASIL

Estimado Florestan:

Recibí su carta del 23 de abril, y vuelvo a lamentar su imposibilidad de asistir al VII Congreso Latinoamericano de Sociología porque su presencia en él hubiera podido ser muy estimulante para todos nosotros. Pero comprendo sus razones, no sólo las de índole académica, sino también las que se relacionan con la situación que vive hoy el Brasil.

Mucho me preocupan las noticias que usted me da sobre la represión a las ciencias sociales en el Brasil. Es algo inopinado e increíble para su país que espero no sea de larga vida. Es evidente que el Brasil tiene una larga tradición, muy respetable, en nuestra ciencia, que deberá ser respetada por quienes hoy mandan. Aquí en Colombia ha habido amagos también para amordazarnos, pero las fuerzas oscurantistas no se han atrevido a ir tan lejos. Estamos embarcados hoy en una lucha por asegurar la libertad académica en la Universidad Nacional que hasta ahora no le hemos perdido. Pero no es muy alentador observar que todas las fuerzas reaccionarias parecen haberse unido en nuestros diversos países para suprimir la expresión honesta de la sociología. A ello debemos contestar con la unión (como en el acto del Congreso Latinoamericano) y con nuestro propio trabajo y dedicado estudio.

Lamento que el Dr. Cardoso tuviera que eliminar a Bogotá de su diseño investigativo. Pero me anima saber que existen las posibilidades de que usted pueda venir a Bogotá a trabajar con nosotros. En efecto, nuestra primera oferta de traerlo mediante nuestro arreglo con la Fundación Ford, sigue en pie. Puede usted indicarnos cuándo quisiera venir y por cuanto tiempo (aunque la Fundación nos exige un semestre por lo menos) y qué quiere investigar y enseñar. Colombia es tierra virgen para la ciencia sociológica y mucho constructivo se puede hacer aquí, especialmente por expertos como usted.

El libro sobre el Brasil (Campesinos y vivienda) se le envió hace algún tiempo. Pero vuelvo a enviárselo con ésta. Ojalá le guste, aunque le confiese que es más aplicado que teórico. Mientras tanto, reciba el saludo muy cordial de su amigo y colega,

Orlando Fals Borda
Decano



UA - Partir evento 02.09.2380

UNITED NATIONS
RESEARCH INSTITUTE FOR SOCIAL
DEVELOPMENT



INSTITUT DE RECHERCHE
DES NATIONS UNIES
POUR LE DÉVELOPPEMENT SOCIAL

Télégrammes : UNATIONS, GENÈVE
Télex : 22.212 ou 22.344
Téléphone : 34 60 11 33 40 00 33 20 00 33 10 00

Palais des Nations
CH - 1211 GENÈVE 10

REF. No :
(à rappeler dans la réponse)

Enero 27 de 1969

Sr. Prof.
Florestan Fernandes
Cadeira de Sociologia
Facultad de Letras
Universidade de São Paulo
São Paulo, BRASIL



Estimado profesor y amigo:

La Comisión Organizadora del IX Congreso Latinoamericano de Sociología que se realizará este año en México me ha hecho la distinción de designarme para presidir la sección sobre "La crisis latinoamericana". Como en esta sección se espera discutir trabajos de muy alta calidad referidos a los problemas que experimentan hoy nuestros países a varios niveles, me he permitido invitarle a usted muy especialmente para que pudiera preparar una contribución pertinente.

Desafortunadamente todavía no está asegurada plenamente la financiación del viaje a México para todos los invitados, pero el Dr. Pablo González Casanova me ha autorizado para ofrecer lo siguiente: la publicación anticipada de los trabajos de esta sección, para lo cual cada autor recibirá US\$40.00 más separatas. Esta publicación sería preparatoria del Congreso.

Abrigo gran expectativa de que usted pudiera colaborar conmigo en esta sección, seguro de que usted daría muchas luces sobre los temas a discutir. Como el tiempo apremia, mucho le agradeceré una pronta respuesta. Mientras tanto, reciba mi saludo más cordial y el sincero abrazo de su servidor y amigo,

J. Fals Borda

Orlando Fals Borda
Director de Programa

P.S. Le agradeceré nombres de colegas jóvenes que pudiera invitar.

02.09.1221

VA - Partic. evento

INSTITUT DE RECHERCHE DES NATIONS UNIES
POUR LE DÉVELOPPEMENT SOCIAL



UNITED NATIONS RESEARCH INSTITUTE
FOR SOCIAL DEVELOPMENT

Télégrammes: UNATIONS, GENÈVE
Télex: 22.212 ou 22.344
Téléphone: 34 60 11 33 40 00 33 20 00 33 10 00

RÉF. No:
(à rappeler dans la réponse)



PALAIS DES NATIONS
CH-1211 GENÈVE 10

12 de agosto 1969

Estimado amigo,

Espero que haya recibido la convocatoria oficial y el reglamento del IX Congreso, enviados directamente desde México. Me complace confirmarle que la Comisión podrá cubrir sus gastos de estancia a razón de 200 pesos diarios (US\$ 16.00) por los cinco días del Congreso, más US\$ 40 por la ponencia.

A pesar de que ya tenemos la mayor parte de los trabajos de nuestra sección sobre "La sociología de la crisis", se ha acordado con la Comisión central reunirlos todos en México antes de proceder a la publicación. En consecuencia, estoy remitiendo a México el texto que usted me envió, en original y una fotocopia. Ahora necesito que envíe tanto a la Comisión Organizadora como a mí, un resumen de unas dos páginas a doble espacio, de su trabajo.

La Comisión le solicita igualmente que usted lleve consigo por lo menos 30 copias mimeografiadas del trabajo y del resumen, para repartir en la sección, cuando viaje a México. En su defecto, se le agradecerá mucho si envía dichas copias por aeroexpreso.

Le adjunto la hoja de inscripción del Congreso para que se la envíe debidamente llenada, al Lic. Jorge Moreno Collado (Instituto de Investigaciones Sociales, 5º Piso Torre de Humanidades, Ciudad Universitaria, Coyoacán 20, D.F.).

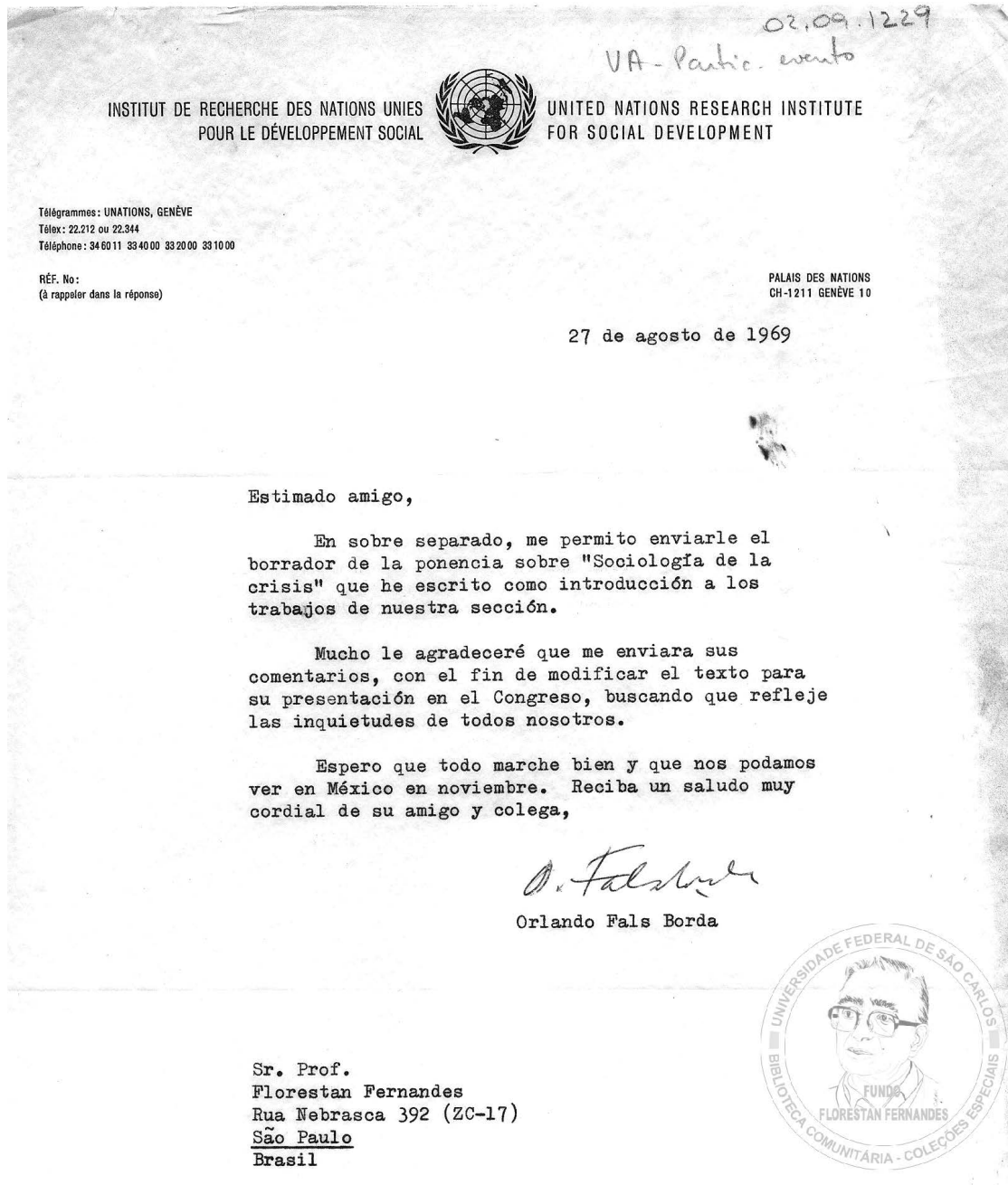
Esperando tener el gran gusto de volverle a ver en México, quedo de usted, servidor y amigo,


Orlando Fals Borda

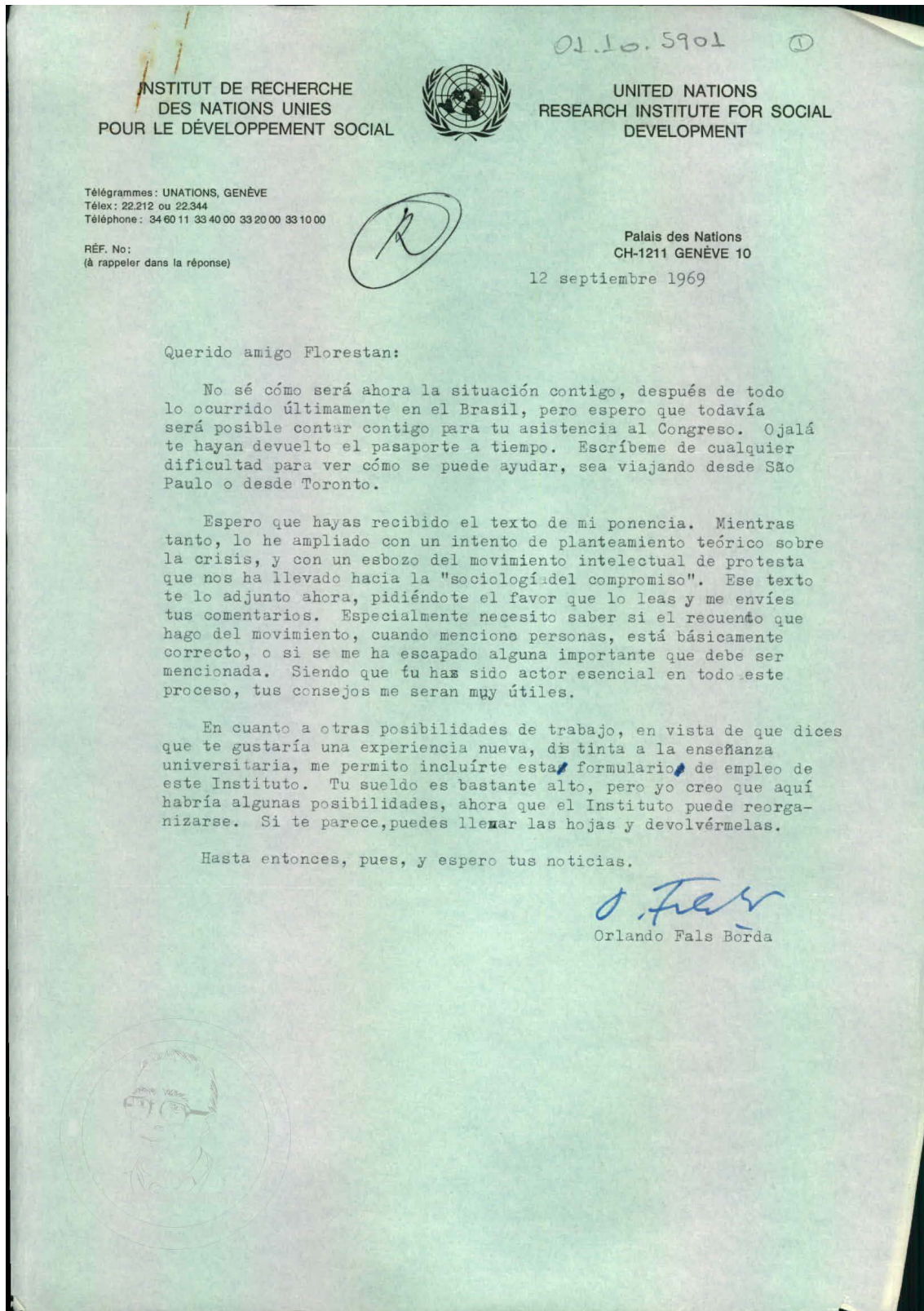
Sr. Prof.
Florestan Fernandes,
Rua Nebrasca 392 (ZC-17),
São Paulo
Brasil

Me preocupan no tem notícias tuas. Quais os teus planos? Te quedas ou te vas do Brasil? Em este Instituto há possibilidades, não te interessas. Quero me encontrar! Um abraço para ti!

Q



Fonte: UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.1229



Fonte: UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/01.10.5901

ANEXO II – Cartas de Orlando Albornoz a Florestan Fernandes em ordem cronológica

02.09.0108

Remite: Profesor Orlando Albornoz
Apartado Nº 10.062.
Sabana Grande,
Caracas.



UNIVERSIDAD CENTRAL DE VENEZUELA
FACULTAD DE ECONOMIA

Dependencia

No. 7 de mayo de 1962

Sr. Prof. Florestan Fernandez
Universidade de Sao Paulo.

Apreciado Profesor:

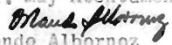
Desde mi visita a Sao Paulo, el año pasado, no he tenido noticias de Ud. Espero se encuentre bien y su trabajo rinda tanto como siempre. De nuestro país tendrá noticias por la prensa y en verdad la situación es muy mala, sobre todo para la vida universitaria, pero es posible alguna solución en el futuro. El objeto de esta pequeña carta, además de extenderle mi cordial saludo, es de rogarle se sirva suministrarme cierta información que requiero sobre Ud., para complementar la información referente al punto que Ud. verá marcado en rojo en el programa que acompaño. Este curso Historia del Pensamiento Social II es historia de la sociología y quiero que mis alumnos se familiaricen con la obra de los que en mi opinión, y en la de todos, son los líderes de la sociología en los países latinoamericanos. Deseo la siguiente información:

- a. datos biográficos, con especificación de estudios.
- b. bibliografía completa, incluyendo artículos y conferencias.
- c. informaciones publicadas sobre Ud., de cualquier índole

Me imagino que esto le quitará algún tiempo de sus tareas y le ruego me excuse el que le imponga, amigablemente, este pedido. Tengo unas tres o cuatro semanas de tiempo; aún así le pido me envíe esta información tan pronto como sea posible.

Mi trabajo marcha bien, dentro de las circunstancias. Pronto tendré el gusto de enviarle una monografía sobre la sociología en Venezuela, y un artículo que escribí sobre Wright Mills. Sobre esto le escribiré en otra oportunidad.

Mientras tanto le agradezco reciba mi mejor saludo, así como le pido saludar en mi nombre al Profesor Cardoso.

De Ud. Muy Atentamente,

Orlando Albornoz

AL CONTESTAR ESTE DOCUMENTO, SERVASE MENCIONAR LA DEPENDENCIA DE DONDE PROCEDE, INDICADA EN EL MENBRETE. PROCURASE NO TRATAR MAS DE UN ASUNTO EN CADA COMUNICACION.

Fonte: UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.0108

02.09.0106

Profesor Orlando Albornoz,
Apartado Nº 10.062,
Sabana Grande,
Caracas, Venezuela.



UNIVERSIDAD CENTRAL DE VENEZUELA
FACULTAD DE ECONOMIA

3 de agosto de 1962.

Dependencia

No.

Apreciado Profesor y amigo:

Contesto su carta de 21 de junio del presente año. Le agradezco mucho su opinión sobre mi pequeño libro, así como su propósito de hacer una reseña del mismo, la cual le ruego me la haga llegar.

La bibliografía y datos que Ud. me envió me han sido de gran utilidad. Es curioso la barrera que hay entre el Brasil y Venezuela. Algunos de mis alumnos están más familiarizados con cuestiones de China o Africa que con las de los países latinoamericanos. Es por ello que he tenido gran interés en incluir en mi curso sobre historia de la sociología un capítulo sobre los sociólogos latinoamericanos. Y pienso, en el futuro, escribir un artículo sobre los que considero y son los líderes del quehacer sociológico de esta parte del mundo. Por ello le ruego me mantenga al tanto de sus actividades, así como el hacerme llegar cualquier dato que Ud. crea complementarlo que ya tengo en mi poder. De esta manera le prestaría Ud. un servicio a mis estudiantes.

En días pasados le envié un artículo que escribí sobre Wright Mills y que espero ya tenga en su poder. El Prof. Morowitz me ha invitado a colaborar en un libro en homenaje a Wright Mills y he pensado en traducir esta que he escrito. O tal vez lo deje así por ahora, para trabajar más profundamente en el futuro en este autor.

Tengo intención de ir a Washington para el Congreso Mundial. En el caso de que Ud. vaya mucho me gustaría verle. Así mismo le expreso mi interés por su último libro, por lo que le agradezco me diga de la fecha de publicación.

Le saludo muy respetuosamente, con la cordialidad de su amigo,

Mauricio Horowitz

Profesor Florestan Fernandes,
Caixa Postal 8105,
Sao Paulo.

AL CONTESTAR ESTE DOCUMENTO, SIRVASE MENCIONAR LA DEPENDENCIA DE DONDE PROCEDE INDICADA EN EL MEMBRETE; PROCURASE NO TRATAR MAS DE UN ASUNTO EN CADA COMUNICACION.

02.09.0102

Caracas, 4 de mayo de 1965

Apreciado Profesor: ante todo le envío mis mas sinceras felicitaciones y gracias por el envío de su libro acerca de la integración del negro en la sociedad de clases. Es una obra impresionante, no tanto por su tamaño, como por su riqueza de materiales y la interpretación. He avanzado unas cien páginas y desde ya pienso escribir una nota bibliográfica sobre la obra. Desgraciadamente no tenemos publicaciones para este tipo de notas, en Venezuela, pero aun así veré donde puedo dar a conocer esta última obra suya en nuestro país, aunque en la Cátedra ya la he citado.

En días pasados recibí su carta del 28 de enero del presente año y hasta hoy, como ve, no le había contestado. Hace poco le envié una copia de un pequeño libro sin importancia sobre un asunto personal y que refiere a cosas locales. Este libro le dará una idea, sin embargo, de lo difícil que es el trabajo en nuestra universidad. Las presiones políticas que allí menciono me han llevado fuera de la universidad y actualmente estoy trabajando en una empresa, aunque pienso volver a la universidad en septiembre. En verdad me he logrado quedar con una cátedra en la Escuela y un Seminario, pero he renunciado al tiempo completo. A principios de año académico me despojaron de la Cátedra de Introducción, la cual tomé para sí la Prof. Abouhamad. He estado disputando la cuestión a nivel de Consejo de Facultad, sin éxito.

La invasión norteamericana a Santo Domingo agita nuestros días aquí, como a Uds. en Brasil. La situación es grave en ese país y lo será pronto aquí, ya que es inevitable que sintamos las consecuencias. Los guerrilleros venezolanos continúan sus acciones y no se observa una decisión a corto plazo. La invasión a Santo Domingo pudiera catalizar el descontento popular y frear una guerra civil de proporciones aún mayores de la Dominicana. La democracia venezolana no se estabiliza, en parte por la incapacidad del actual gobierno.

Estoy actualmente corrigiendo las pruebas de página de un libro sobre el maestro venezolano, del cual seguramente le hablé en alguna anterior mía. Tan pronto este listo se lo envío. Este libro sobre el maestro ha costado mucho esfuerzo, no solo en cuanto a la investigación en sí, sino que he tenido que editarlo por mi cuenta, corriendo una gran riesgo financiero, debido a que en la universidad hubo dificultades para publicarlo.

Entre tanta dificultad para el trabajo y para publicar las cosas, me estimula el poder enviarle mis cosas y recibir sus noticias. Mi trabajo intelectual se interrumpe ahora, sin embargo. El trabajo actual, con las cátedras, no me deja tiempo libre. Voy a tratar de volver a tiempo completo a la universidad en septiembre. Reanudaré entonces la redacción de un libro sobre los directores de escuelas primarias, cuyos datos han sido recogidos en su totalidad.

Mientras tanto reciba Ud. el saludo cordial y la admiración intelectual de su amigo,

Maudel Abouhamad

Profesor: en estos días tuve ocasión de hablar de Ud. y un amigo, el historiador Guillermo Morón se interesó por su dirección, a fin de enviarle algunas obras de la cual es autor. Espero le interesen. A pesar de ser criticadas aquí le pueden servir de referencia.

02.09.0104

1 de agosto de 1965

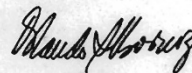
Sr. Prof. Florestan Fernandez,
Universidade de Sao Paulo,
Faculdade de Filosofia, Ciencias
e Letras, Caixa Postal 8105,
SAO PAULO, BRASIL.

Apreciado Profesor:

Estoy leyendo alternativamente dos libros suyos, el libro sobre el negro y el libro sobre la sociología en una era de revolucion social. Estoy tomando notas y voy a publicar una nota larga en la Revista de Cultura Universitaria. Prometí entregarla en agosto (es decir, este mes, a fines) y saldrá en noviembre, más o menos. En cuanto a mis libros le envié una copia de Proceso... y una copia del Maestro....Le ruego me diga sobre su recepcion, ya que el correo es una tragedia entre su país y el mio.

Mucho le agradezco sus palabras de aliento en relación con mi situación aquí. La cuestión es que desde marzo estoy trabajando en la empresa privada y me da la impresion de que me será difícil volver a la Universidad. De momento he vuelto a pedir la reincorporacion a dedicación exclusiva y la primera respuesta es negativa. Volveré a insistir una y otra vez. Si no quedase otra alternativa buscaré sitio en otro país. De momento estoy muy feliz en estos días. El pasado 17 de junio nació una hija mia, que se llamará Cristina, la cual ha venido a poner un hondo toque humano, en medio de la agitación de la desagradable situación en la Universidad.

Le decia a Pereira, en carta que le escribí, que mucho me gustaría ir a Sao Paulo, a conversar con Ud. y con él y con otros amigos en esa, de asuntos de interés común. Espero que alguna circunstancia me lo permita. Entretanto reciba mi afectuoso saludo. Amigo,



Plano de Curso de Orlando Albornoz sobre Teoría Sociológica

02.01.04/036

Universidad Central de Venezuela.
Facultad de Economía.
Escuela de Sociología y Antropología.

Curso: Historia del Pensamiento Social II (Segundo Semestre 1961-1962)
Profesor: Orlando Albornoz

Curso obligatorio para los alumnos regulares de segundo año; tercer año de Sociología y tercer año de Antropología. Los asistentes deben haber aprobado introducción a la Sociología e Historia del Pensamiento Social I. Oyentes sólo con autorización del Profesor.

Descripción de la materia: Historia del Pensamiento Social II corresponde a un curso de historia de la sociología. En el curso de Historia del Pensamiento Social I se examinó el desarrollo del pensamiento social desde sus orígenes hasta la aparición del socialismo y de la sociología como ciencia, habiendo finalizado el curso en un intento por sistematizar la problemática de la sociología del periodo clásico, es decir, el momento en el cual aparecen los sistemas de pensamiento de Comte, Marx y Spencer. El presente curso intenta hacer un examen de los contenidos que hacen de la sociología una ciencia analítica, lo que ocurre en las últimas dos décadas del siglo pasado. Se examina la obra de los sociólogos europeos, desde entonces hasta nuestros días; la aparición en América de teóricos sociales que impulsan el desarrollo de la sociología como ciencia, hasta estudiar la obra de los sociólogos norteamericanos más importantes, de principios de siglo y actuales; es extendido el examen hasta los sociólogos latinoamericanos que pugnan actualmente por hacer una sociología científica; se estudia, finalmente -en cuanto al examen histórico- el desarrollo de la sociología en nuestro país. La parte final del curso estudia los aspectos más sobresalientes de la sociología contemporánea -marxismo y funcionalismo-estructuralismo- e intenta estimar las posibilidades de desarrollo de la sociología como ciencia en la sociedad de hoy.

Temario:

1. Concepto de historia de la sociología. Diversas concepciones acerca del estudio de la historia de la sociología. El origen de la sociología como ciencia. Breve resumen del periodo clásico de la sociología: Comte, Marx y Spencer. Las etapas posteriores del desarrollo de la historia de la sociología.
2. Tönnies, Simmel y Weber. Pareto, Durkheim, Hobhouse y Ginsberg. Gurvitch, von Wiese y Mannheim.
3. Primeros momentos de la sociología en norteamérica: Small, Ward, Giddings, Ross, Sumner, Cooley y Park. Parsons y Merton. Lundberg, Wright Mills, Becker, Homans, Davis, Williams y Sorokin.
4. Desarrollo histórico de la sociología en latinoamérica. Algunos ejemplos nacionales: a) Argentina: Gino Germani; b) Brasil: Florestan Fernandes; México: Lucio Mendieta y Nuñez. La sociología en Venezuela.
5. La sociología contemporánea. Marxismo. Funcionalismo-estructuralismo. Perspectivas de desarrollo de la sociología en la sociedad de hoy. El papel del sociólogo en los diferentes niveles de la vida social.

Historia del Pensamiento Social II.

BIBLIOGRAFIA GENERAL

- Albornoz, Orlando: La sociología en Venezuela, Colección Estudios Sociales, Escuela de Sociología y Antropología, U.C.V., Caracas, 1962.
Aron, R.: La sociología alemana contemporánea, Paidós, Buenos Aires, 1953.
Barnes y Becker: Historia del Pensamiento Social, FCE, 1945. 2 vol.
Becker y Boskoff: Modern sociological theory, Dryden Press, New York, 1957.
Barnes, H.: An introduction to the history of sociology, The University of Chicago, 1948.
Bouthoul, Gaston: Histoire de la sociologie, PUF, 1956.
Bougle, C.: Balance de la sociología francesa contemporánea, América, México, 1945.
Germani, G.: Desarrollo y estado actual de la sociología en latinoamericana, Universidad de Buenos Aires, Cuaderno Nº 17 del Instituto de Sociología, 1959.
Cuvillier, Armand: Manual de Sociología, Ateneo, 1956.
Freyer, Hans: Introducción a la sociología, Nueva Epoca, 1951.
Luckacs, G.: El asalto a la razón, FCE, 1959.
Poviña, A.: Nueva historia de la sociología latinoamericana, Assandri, 1959.
Seligman, E.A. (editor): The encyclopaedia of the social sciences, Mac Millan, New York, 1956. 15 vol.
Timasheff, N.S.: Teoría sociológica, FCE, 1961.
Sorokin, P.: Teorías sociológicas contemporáneas, De Palma, 1951.

Esta bibliografía es considerada de consulta general. Las lecturas pertinentes a cada cuestión serán anunciadas en el transcurso de las clases.

NOTA: Se ruega a los alumnos asistentes a Historia del Pensamiento Social II dirigirse directamente al profesor para cualquier duda referente al desarrollo del curso.

ANEXO III – Correspondência entre Florestan Fernandes, CLAPCS e CEPAL

02.09.0289

VA - Candidatura.

São Paulo, 19 de Dezembro de 1960

Exmo. Sr. Prof. Dr. Isaac Ganón
Presidente del Comité Directivo del Centro Latino Americano
de Pesquisas em Ciências Sociais e da Facultad Latinoamericana
de Ciencias Sociales

Senhor Presidente:

Após ter recebido o apêlo de alguns colegas brasileiros e estrangeiros, decidi propor minha candidatura ao cargo de Diretor do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais. Peço-lhe tomar as providências, que se fizerem necessárias, para que minha candidatura seja objeto de consideração do Comité Directivo do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Anexo à presente, Vossa Excelência encontrará o meu curriculum vitae, com os dados exigidos, especificadamente, dos candidatos.

Devo esclarecer a Vossa Excelência que ponderarei, maduramente, a respeito desta decisão e que a tomei por considerá-la útil àqueles que se preocupam com o desenvolvimento do ensino e das pesquisas no campo das ciências sociais na América Latina. No entanto, se no alto critério do Comité Directivo houver conveniência em manter o atual presidente do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais ou escolher algum candidato mais credenciado que eu para o referido mister, saberei acolher com equanimidade a decisão final.

Agradeço ao distinto colega as providências que puder tomar, em favor da minha candidatura, e subscrevo-me,

cordialmente,



Florestan Fernandes
Dr. Florestan Fernandes
Professor da Cadeira de Sociologia I

VA -

02.09.0288

FACULTAD DE DERECHO
Y
CIENCIAS SOCIALES
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIALES
MONTEVIDEO

Febrero 9 de 1961.

Estimado colega y amigo:

Me es grato contestar su carta del 24 de enero pmo. pdo., que incluía una hoja -pág.15- faltante de su curriculum oportunamente recibido.

El envío vino muy bien y a tiempo para su intercalado como correspondía.

Le agradezco sus amables palabras acerca de mis opiniones sobre el estado actual de las Ciencias Sociales en América Latina, y el grado de cooperación que se puede obtener de los especialistas de nuestro continente. Yo puedo decir lo mismo, y aún más, de Ud., pues me he beneficiado con sus juicios sobre los mismos puntos.

Mi esposa y yo hemos quedado muy gratamente reconocidos a Ud. y su gentilísima familia, por la compañía tan amable y solícita que nos prodigaron. Estamos seguros que habremos de volver a encontrarnos, con más tiempo, y disfrutar de un más prolongado intercambio que puede empezar desde ya por carta.

La situación del llamado a candidatos para proveer la Dirección del Centro de Rfo no ha variado desde nuestras entrevistas; ninguna nueva inscripción ha sido pedida. Por lo tanto, cabe solamente esperar al vencimiento de los plazos para saber finalmente el resultado de la elección.

Transmita Ud. mis saludos a los apreciados colegas de la Facultad, especialmente Cardoso, de quien no pude despedirme personalmente.

Con saludos de mi esposa y míos para Ud. y los suyos, estrecho cordialmente su mano.

Isaac Ganón

Sr. Prof. Florestán Fernandes
Facultad de Filosofía y Letras
San Pablo (Brasil)



02.09.2020

UNITED NATIONS  NATIONS UNIES
ECONOMIC COMMISSION FOR LATIN AMERICA COMMISSION ÉCONOMIQUE POUR L'AMÉRIQUE LATINE

NACIONES UNIDAS

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA

Av. Providencia 871

Cañilla 179 D.

SANTIAGO, CHILE

REFERENCIA:

CABLE: UNATIONS



29 de diciembre de 1960

Estimado Profesor Ganan:

Tengo el honor de poner en conocimiento de usted algunas consideraciones que, en relación con el próximo nombramiento de un Director para el Centro Latinoamericano de Ciencias Sociales, la Secretaría Ejecutiva de esta Comisión cree de su deber presentar.

Un contacto permanente e íntimo con los problemas de América Latina nos ha llevado a la convicción de que en el momento político latinoamericano presente, la acción de organismos internacionales o interamericanos como el Centro, reviste particular trascendencia. A ellos corresponde la tarea de esclarecer la opinión y encauzar la acción de las clases dirigentes en relación con la naturaleza, peculiaridades y dimensiones de los problemas que afectan al desarrollo económico-social de América Latina, propiciando una actitud mucho más dinámica e imaginativa en el enfoque y solución de esos problemas, que la observada hasta ahora. La ausencia de semejante actitud más alerta y vigorosa por parte de las clases dirigentes de América Latina podría quizás tener consecuencias políticas desfavorables de largo alcance.

Por esa razón, creemos que es de la mayor importancia que el nombramiento para la dirección del Centro Latinoamericano de Ciencias Sociales, al que deberá proceder próximamente el Comité Directivo de la digna presidencia de usted, incida sobre la persona que, por su categoría y sus actividades anteriores, ofrezca suficientes garantías para manejar el Centro de manera eficaz y con un amplio sentido latinoamericanista. Esto es, una persona que reúna en el más alto grado posible las calificaciones de científico social de prestigio profesional en su país y en los medios científicos latinoamericanos e internacionales, de investigador experimentado y de organizador de trabajos en equipo de capacidad comprobada.

Profesor Isaac Ganan
Presidente del Comité Directivo del
Centro y la FLACSO
Av. 18 de Julio 1712
Ap. 15
Montevideo, Uruguay



- 2 -

02.09.2070 2

Creemos que el Profesor Florestan Fernandes, de la Universidad de São Paulo, cuya candidatura ha sido propuesta a usted, reúne dichas condiciones en el grado más elevado, y por este motivo pensamos que, en el caso de que su nombre contara con la preferencia del Comité Directivo, las preocupaciones antes manifestadas sobre la posibilidad de un manejo ineficaz o insuficientemente dinámico del Centro, quedarían debidamente salvadas.

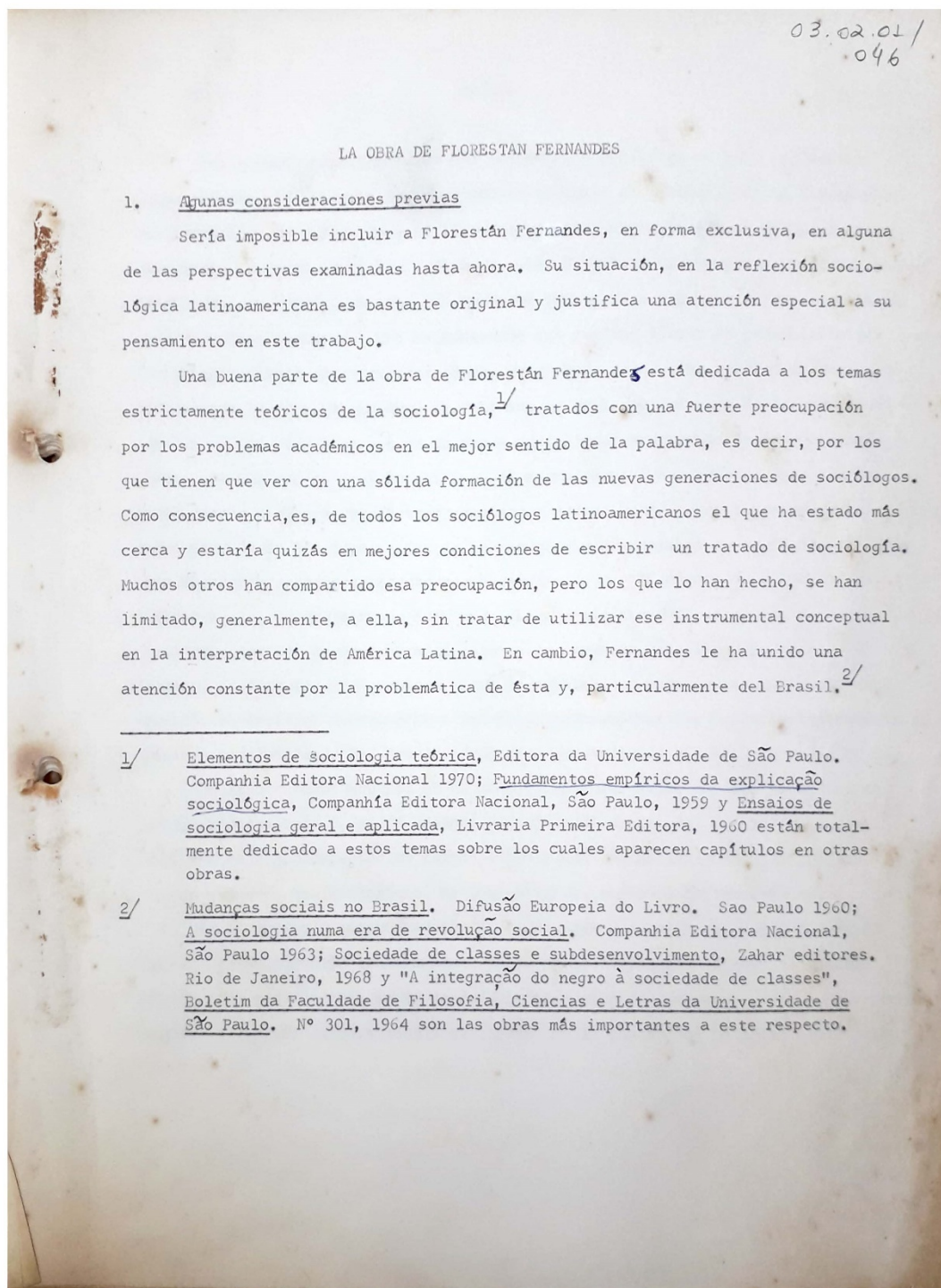
Estas observaciones, que por intermedio de usted la Secretaría Ejecutiva de la CEPAL hace llegar al Comité Director del Centro Latinoamericano de Ciencias Sociales, son dictadas por la responsabilidad que le confiere la calidad de observador que tiene la Organización de las Naciones Unidas en el seno de ese Comité, y corresponden al sentimiento de la ineludible necesidad de fortalecer y dinamizar a los organismos que, en una u otra forma, tienen un papel importante en el proceso de desarrollo económico-social de América Latina.

Saluda a usted con distinguida consideración,

Louis N. Swenson
Director Principal Adjunto

Fonte: UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/02.09.2070

ANEXO IV – Página inicial do texto *La obra de Florestan Fernandes*



Fonte: UFSCar – Biblioteca Comunitária/UMMA/Fundo Florestan Fernandes/03.02.01/046 (Pasta Suspensa)